

# INFORME

INFORMATIVO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS Nº 64 SETEMBRO/OUTUBRO DE 2011

## NOTÍCIAS DA FACULDADE

### A FFLCH E A GRADUAÇÃO: CRONOGRAMA DA DISCUSSÃO

#### SETEMBRO E OUTUBRO:

Resultados parciais dos estudos serão apresentados no início das Congregações: duração 1 hora.

**NOVEMBRO:** proposta final de cada curso a ser discutida na Congregação com duração de duas horas.

**DEZEMBRO:** elaboração de documento com propostas concretas

#### PONTO DE PARTIDA:

Relatório de Avaliação Externa e Documento da FFLCH sobre o mesmo

#### CONTEÚDOS

- Levantamento de dados, evasão, etc.  
Responsabilidade: Comissão ad hoc
- Revisão da estrutura administrativa e acadêmica.  
Responsabilidade: Cursos, Departamentos e Cocs

#### SECRETARIAS DOS DEPARTAMENTOS:

Levantamento dos seguintes dados nos últimos 5 anos

- Número de professores
- Número de alunos
- Número de funcionários
- Afastamentos de docentes: licenças prêmio, pesquisas e outros; viagens para congressos e similares no período de aulas (duração do Congresso e duração do afastamento).

#### DOCENTES E ALUNOS DOS DEPARTAMENTOS (COCS TAMBÉM):

Avaliação da estrutura curricular

- Extinção e criação de disciplinas
- Renovação de conteúdos das disciplinas
- Disciplinas com conteúdos similares em diferentes Departamentos
- Flexibilização curricular.
- A importância da Graduação para os docentes

#### COMISSÕES DE QUALIDADE DE VIDA

Infraestrutura das salas de aula e de outras dependências

### I ENCONTRO DE FUNCIONÁRIOS DA FFLCH

Na primeira semana de outubro, entre os dias 04 e 06, nossa faculdade realizou o I Encontro de Funcionários, intitulado "FFLCH: uma Unidade do Tamanho de uma Universidade". Os setores administrativo, acadêmico e financeiro puderam se apresentar, compartilhar seus projetos e mostrar as atividades desenvolvidas. Além disso, o Encontro proporcionou o

conhecimento e a interação dos funcionários, tornando mais coeso o conjunto que compõe a FFLCH.

Dadas as dimensões da FFLCH e para que ninguém ficasse de fora, as atividades do evento foram transmitidas em tempo real (via IPTV) e puderam ser assistidas em salas de projeção organizadas nos

**EXPEDIENTE**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**REITOR:**

Prof. Dr. João Grandino Rodas

**VICE-REITOR:**

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**DIRETORA:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

**VICE-DIRETOR:**

Prof. Dr. Modesto Florenzano

**COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Prof. Dr. Modesto Florenzano (DH), Prof. Dr. Cicero Romão Resende de Araújo (DCP), Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho (DF), Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria (DLCV) e Sra. Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros (Membro Assessor).

**SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL****COORDENAÇÃO:**

Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb. 35814

**REVISÃO:**

Wiviane Ribeiro do Carmo

**SECRETÁRIA:**

Maria Neusa Bispo de Oliveira

## Sumário

**NOTÍCIAS DA FACULDADE**

A FFLCH e a Graduação: Cronograma da Discussão ..... 1

I Encontro de Funcionários da FFLCH ..... 1

**ENTREVISTA**

Entre Clio e Mnemosine:

Entrevista com a historiadora Maria Lígia Coelho Prado ..... 4

**PREMIAÇÃO**

Professores da FFLCH são Indicados ao Prêmio Jabuti ..... 16

Por Luis Ricardo Bérghamo

**CONVÊNIO**

USP assina acordo internacional com

universidade Canadense ..... 16

FFLCH participa de programa que dará ao aluno diploma

binacional ..... 17

Adma Fadul Muhana

**EVENTOS**

Um tratado sobre poética disfarçado de poesia ..... 19

A V Feira de Profissões da USP ..... 21

Profa. Dra. Giliola Maggio

FFLCH recebe os alunos estrangeiros de 2011 ..... 22

Por Bruna Escaleira

Ano da Literatura e da Cultura de Cabo Verde

em São Paulo ..... 23

Profa. Dra. Simone Caputo Gomes

**ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO**

Obras nos Prédios da FFLCH ..... 26

Pesquisadora do LEMADI é notícia em jornal chileno ..... 27

Por Bruna Escaleira

Seção de Informática incentiva a cultura do software livre .. 30

Por Luis Ricardo Bérghamo

PRODUÇÃO DA FACULDADE ..... 31

diversos prédios da FFLCH ou ainda no próprio local de trabalho dos servidores.

O I Encontro de Funcionários faz parte do Projeto Administrativo (2010-2012), cuja coordenação é de Priscila de Carvalho (DH). Participaram

também da comissão organizadora Maria Angela Aiello Bressan Schmidt (DTLLC), Vicente Sedrangulo Filho (DS), Elisabete Penha Martinez Viana (CAPH – DH) e Suely Maria Regazzo (DTLLC).



# ENTREVISTA

## ENTRE CLIO E MNEMOSINE: ENTREVISTA COM A HISTORIADORA MARIA LÍGIA COELHO PRADO

Por meio desta seção de *Angelus Novus*, os alunos dos programas de pós-graduação do Departamento de História da FFLCH-USP objetivam estabelecer um diálogo intergeracional a respeito de seu *métier* e trajetória da instituição em que se formaram. É sobejamente conhecida a anedota que ironiza as dificuldades dos sociólogos com as relações sociais, as dos economistas com suas finanças, as dos psicólogos com sua vida emocional. Em dito popular: “casa de ferreiro, espeto de pau”. Como não notar que os historiadores, tão agudamente sensíveis para o tempo, pareçam menos dispostos que os colegas de outras disciplinas à reconstituição de sua própria história? Sem a pretensão de resolver esta dificuldade, mas acreditando que enfrentá-la possa ser um procedimento profícuo no empenho de melhor contribuímos com nossos esforços como historiadores, chamamos, então, este diálogo entre Clio e Mnemosine, arriscando-nos a fornecer material para futuros analistas de nosso tão precioso ofício.

Tendo este horizonte como inspiração, damos início a uma série de entrevistas a serem posteriormente publicadas. Elas priorizarão professores aposentados desse mesmo Departamento, ou em vias de se aposentar, contando sempre, entre os entrevistados, com um intermediário geracional. Buscamos um historiador que esteja próximo da obra e da atividade do professor, o suficiente para estabelecer o diálogo que pretendemos; porém, também relativamente distante, para que a intimidade não impeça ou constanja o lance inquisidor, reconhecidamente constitutivo desse jogo, algo lúdico, mas que não dispensa a reta razão na perseguição de rastros e indícios.

Estreamos então, com a entrevista da professora Maria Lígia Coelho Prado, sabatinada por Lidiane Soares Rodrigues e Victor Vigneron de La Jousse-landière, alunos da pós-graduação, acompanhados

pelo Prof. Dr. Marcos Napolitano, que gentilmente aceitou o convite para o papel de intermediário.

**Angelus Novus: O livro de Marc Bloch, *Métier d'historien*, começa com a indagação que todos nós nos fazemos, em algum momento: “Papai, então me explica para que serve a história”. Tomando emprestadas estas palavras do garoto, gostaríamos de começar. Professora, então nos explique por que escolheu a História? Houve alguma figura em particular que estimulasse o gosto pela disciplina ou a opção pela profissão?**

**Maria Lígia Coelho Prado:** Lembro-me da primeira vez em que li essa frase, quando imaginava ter uma resposta pronta e acabada para tal pergunta. Mas, claro, depois, entendi-a de maneiras múltiplas e diversas. Porém, a pergunta concreta que vocês me fazem é de onde veio esse gosto pela história? Creio que nasci gostando de história... A primeira lembrança forte que me vem à memória é a de uma professora querida, do quarto ano primário, chamada Marina de Moraes Alves, narrando *A Retirada da Laguna*. Naturalmente, ela não citou Taunay, que só descobri, anos depois, ter sido sua fonte. Recordo até hoje da minha emoção de criança, ao conhecer os episódios dramáticos da Guerra do Paraguai. Penso hoje no impacto que o livro de Taunay causara em Dona Marina (de forte cunho nacionalista), pois era com muito sentimento que ela descrevia *A Retirada da Laguna*. Porém, meu gosto pela História apareceu mais fortemente durante o curso Clássico (como era chamado naquela época). Estudava numa escola tradicional, o Colégio Sion. Admirava muito a professora de História, Julita Scarano, mais tarde docente da UNESP, de Rio Claro. Ela nos pedia que fizéssemos seminários (algo pouco habitual naqueles anos entre 1956 e 1958). Fiz um seminário

sobre “A vida cotidiana em Roma”. Como se percebe, os temas sobre a vida cotidiana não são tão novos assim, ainda que as abordagens, evidentemente, tenham mudado bastante. Trabalhei, na biblioteca do Sion, com uma coleção francesa em que cada volume era dedicado a uma época ou a algum espaço definido. Fiz outro seminário, para a mesma professora, sobre as “origens modernas” da Economia Política. Ela me mandou consultar os livros da biblioteca da Faculdade de Economia da USP, que era na Rua Dr. Vila Nova. Fiquei deslumbrada com a biblioteca e com aquele ambiente de estudo. Ainda tenho na memória as aulas de Julita sobre o Renascimento italiano, em especial a arquitetura e a escultura. Acredito que sempre senti um verdadeiro fascínio pela História. Já naquele período, entendia também que as questões do presente e os problemas do mundo ganhavam outra dimensão com o conhecimento da História. Mas vamos já registrar o que veio depois: terminei o colegial, me casei. Entrei, aos 27 anos, para o curso de História, quando meus três filhos já tinham nascido. Tomei a firme decisão de prestar o vestibular, mas cheguei a ter dúvida entre os cursos de história, jornalismo e psicologia. Entretanto, logo no primeiro semestre do curso compreendi que havia feito a escolha certa.

**Marcos Napolitano: Eu também tive a mesma dúvida, entre Jornalismo e Psicologia. Mas a respeito do que você disse, sobre a narrativa de *A Retirada da Laguna*, penso que num certo sentido perdeu-se um pouco dessa dimensão, que é a experiência humana na história, importante para as crianças. Queremos discutir processos abstratos e, para a criança, muitas vezes a paixão pela história se desencadeia pela idéia da empatia de que alguém sofreu no passado alguma coisa. Para os meninos, por exemplo, batalhas...**

**MLCP:** Concordo com você.

**AN: A senhora disse que se lembra da primeira vez que leu aquela indagação que Marc Bloch toma emprestada de uma criança. Quando foi e qual a resposta que dava naquela ocasião?**

**MLCP:** Li no princípio da graduação. Iniciei o curso em 1968 e terminei em 1971, durante os anos da ditadura. O corpo docente do Departamento estava formado por uma maioria de professores bastante conservadores e tradicionais, ao lado de um grupo

menor de professores com posições políticas à esquerda, alguns com formação marxista. E assumiam essa posição, como Fernando Novais, Carlos Guilherme Mota e Emília Viotti, que foi aposentada em 1969. Ela foi muito corajosa, participava de debates na universidade e expunha suas posições em programas de televisão. Outro momento emblemático foi a decisão de Sérgio Buarque de Holanda de se aposentar, em 1969, num protesto contra a aposentadoria compulsória da Emília e dos demais colegas da Universidade. Houve um memorável ato político no Anfiteatro de História contra a ditadura.

**MN: A Emília era um mito, ainda quando eu entrei no curso.**

**MLCP:** Claro! A minha identidade foi rapidamente estabelecida com a esquerda e minhas posições assumidas contra a ditadura. Assim, na graduação, tive uma formação teórica marxista tradicional. E, portanto, a história tinha um determinado sentido e propiciava a análise crítica do *status quo*, (termo muito utilizado naqueles anos). Em suma, era preciso conhecer o passado, para transformar o presente e projetar o futuro. Ora, foi desse modo simplista que li a pergunta de Bloch pela primeira vez. E estranhava que, mais adiante, ele afirmasse que a história “o divertia”. Quase um anátema. Nunca fui iconoclasta radical, mas me perguntava como um homem na prisão, combatendo o nazismo, podia escrever algo tão pouco “político” sobre a História? Contrapunha-o a Condorcet que, com sua prisão decretada, durante a Revolução Francesa, escondido em casa de uma amiga, escrevera nessas condições, um texto em que “explicava o processo histórico”, conferindo ao futuro uma dimensão de extraordinária esperança. Em seu “Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano”, os nove períodos da história da humanidade que o antecederam carregavam problemas complexos, mas no décimo, referido ao futuro, “a espécie humana devia melhorar”.

**MN: O que é o iluminismo, não é?**

**MLCP:** É extraordinário pensar que o iluminismo dera a Condorcet a força para escrever esse texto pouco antes de sua morte que, aliás, ocorreu em circunstâncias obscuras, pouco depois de sua prisão. Na época, não compreendia como Bloch, que

se colocara com tanta coragem na resistência contra o nazismo, podia dizer apenas que “o espetáculo das atividades humanas, seu [da História] objeto particular, é, acima de qualquer outro, de natureza a seduzir a imaginação dos homens”. Ainda que não acolha integralmente o teor dessa afirmação, percebo melhor agora, a sedução e o fascínio que o estudo da História provoca. Mas continuo a pensar que, fundamentalmente, a História oferece condições excepcionais para compreender o mundo em que se vive e contribui enormemente para que se assumam posições políticas mais bem alicerçadas. Mas as certezas do passado já se foram, levadas pelo vento.

**AN: Professora, a senhora foi próxima de algum partido político, informalmente, formalmente ou por meio de amigos?**

**MLCP:** Nunca fui filiada a qualquer partido, nem ao PT. Mas sempre defendi posições políticas à esquerda.

**MN: O Partido Comunista era muito forte aqui na USP, aqui na História. Você sentia isso na sua época?**

**MLCP:** Quando comecei o curso de História, era muito despreparada do ponto de vista político-partidário. Não compreendia as principais questões, ainda mais naqueles anos em que elas eram apresentadas de forma cifrada ou metafórica. Falava-se pouco do Partidão, porque eram mais fortes as tendências, que depois acabaram na clandestinidade: AP, POLOP, e outros. Porém, depois do AI-5 e das cassações, este prédio parecia um túmulo. Não é exagero. Além disso, havia “os infiltrados”, elementos da polícia política que passaram a freqüentar as classes, e que se aproximavam de qualquer grupinho para ouvir as conversas.

**AN: Como e quando a senhora começou sua atividade docente?**

**MLCP:** Em 1969, quando estava no segundo ano da faculdade, lecionando em uma escola particular. Em 1970, comecei a dar aulas no Ginásio Experimental da Lapa III (havia quatro GEPEs). Trabalhei por dois anos nessa escola. Foi uma experiência fundamental para mim, pois ali aprendi a dar aula. Era um ginásio experimental e, como tal, era coordenado por dois professores, não havendo a figura do diretor. Também inovadora era a exis-

tência de uma reunião pedagógica por semana para discutir problemas dos professores e dos alunos. Aprendi a entender o lugar do professor diante do grupo de alunos à sua frente, a necessidade de ouvir e dar espaço aos alunos para que haja real interação. O ambiente do GEPE III era excelente, com alunos maravilhosos, com uma disciplina que nascia do clima de liberdade e confiança. Mas é uma história triste, porque a ditadura acabou com os Experimentais e despediu os professores no final de 1971. Quando a nova direção assumiu o GEPE III, foi uma guerra, os alunos chegaram a atear fogo nas cortinas da escola. Evidentemente, porque os alunos estavam acostumados a conversar e os professores a ouvir e responder adequadamente. Fiquei muito decepcionada; este foi o primeiro lugar em que trabalhei e que foi fechado por questões de ordem política. Mas não o único. A primeira experiência que tive em ensino superior foi em São José dos Campos, na escola de arquitetura da Universidade Vale-Paraibana de Ensino. Também foi excepcional. Ensinava História Contemporânea. Gostava do ambiente dos arquitetos e conheci vários professores que hoje são docentes da FAU/USP. São José era uma ilha de liberdade, nos tempos duros e difíceis da ditadura. Porém, é preciso contar o fim da história? A escola não formou a primeira turma e os alunos tiveram que terminar o curso em outras faculdades. Foi fechada por “ordens superiores” e pelas mesmas razões políticas. Em suma, tive experiências no ensino médio e em outras faculdades privadas. Algumas mais interessantes e outras sem qualquer interesse.

**AN: Sem dúvida, professora. Vamos então privilegiar as que nos parecem muito significativas. A senhora durante certo tempo deu aula na Unesp, campus de Assis e na USP. Como foi a experiência e como era a entrada na docência naquela época? É sabido que a reforma universitária de 1969 elimina o regime de cátedras, porém não a cultura da cátedra. O que teria a nos relatar a respeito?**

**MLCP:** Muito bem, relato então minha entrada para a USP e depois vou falar de Assis. Fui contratada em 1975, em “tempo parcial” como era a praxe. Na época, todos nós começávamos com o regime de trabalho de “tempo parcial”, isto é, 12 horas semanais; portanto, recebendo um quarto do salário de um professor em “tempo integral”. Ainda que as

cátedras tivessem sido extintas com a reforma de 1969, “o espírito de cátedra” permanecia. Os professores novos entravam por indicação dos antigos catedráticos. Porém, no meu caso, foi diferente. As disciplinas de História da América não gozavam de muito prestígio no Departamento. Além disso, o titular/catedrático de América, Manuel Nunes Dias, estava afastado do cotidiano do Departamento, pois era, à época, diretor da ECA. A Escola consumia muito de seu tempo, porque suas atitudes autoritárias à frente da direção produziram grande resistência a ele por parte dos professores. Assim, seus problemas não lhe deram tempo de se ocupar das questões da “cadeira” de América. Desse modo, o Conselho do Departamento decidiu fazer algo inédito, um concurso de títulos, para provimento da vaga aberta com a aposentadoria do professor, em tempo integral, Raul de Andrada e Silva. O concurso foi aberto e se inscreveram 18 candidatos. Mas o Conselho resolveu escolher quatro professores em tempo parcial no lugar de um em tempo integral. Dos 18, quatro tinham mestrado e foram esses os contratados (era possível ser contratada com o título de mestre). Eu era uma delas. Entraram também Maria Luísa Corassin que então dava aula de História da América na FAI; Inez Garbuio Peralta e um outro professor, que logo se demitiu. Foi assim que entrei, sem indicação de ninguém. O começo foi muito difícil, pois não tinha proximidade com os demais professores da área de América, sendo considerada “pessoa de esquerda”, num reduto conservador do Departamento. Os alunos me deram grande apoio e foram responsáveis pela travessia daquele primeiro período.

**AN: E Assis, professora?**

**MLCP:** Dessa experiência também guardo as melhores recordações. A Unesp de Assis tem um campus muito bonito e um ótimo Departamento de História. Mudei-me para Assis, com meus três filhos, por razões de ordem pessoal, em 1976. No início desse ano, abriu um concurso em História Contemporânea. Prestei o concurso e passei. Assim, eu era “tempo parcial” na USP e em Assis, viajando toda semana. Lecionei lá por dois anos. Percebo – porque tenho ido a Assis periodicamente – que o perfil do aluno da Unesp-Assis mudou bastante. Quando lecionei nessa instituição, a maioria dos meus alunos era da cidade. Havia muitos bancários, em especial do Banco do Brasil, que faziam o curso

à noite. Desde algum tempo, o número de alunos é bem maior e eles vêm de muitas partes do Estado e, mesmo da cidade de São Paulo.

**MN: É o meu caso, é uma tendência sociológica, numa certa época. Aliás, você sabe que eu fui influenciado por uma funcionária do Banco do Brasil que cursava história aqui e elogiava muito seus cursos. Ela era super ligada à militância e penso que ela influenciou minha decisão.**

**MLCP:** Nossa, é mesmo!?

**AN: Essa observação do professor Marcos Napolitano nos leva a uma indagação que não pode deixar de ser feita em se tratando de sua atuação docente. A senhora poderia falar um pouco de seu envolvimento com os alunos? Para nós, este parece ser ao mesmo tempo bastante profissional e bastante pessoal.**

**MN: Vale aqui um registro que endossa essa observação. Eu não fui aluno da professora durante a graduação, porém era muito amigo de uma espécie de “séquito”, no bom sentido. Quero dizer, sou testemunha dessa relação diferenciada que vocês assinalam.**

**MLCP:** Já escrevi faz tempo que os alunos são o sal da vida universitária. Cada um tem uma maneira de olhar e entender a universidade. Para mim, os alunos sempre foram peça fundamental da “minha” vida universitária. Gosto de lecionar e sempre tive, a priori, simpatia pelos alunos. Aprendi muito com eles, tanto os de graduação quanto os de pós-graduação. Eles não permitem que nos percamos em saudosismos. O tempo passa, a sociedade muda, novos temas aparecem, o mundo vira de cabeça para baixo e eles nos obrigam a entender os movimentos da roda da História. Eles não nos deixam permanecer estagnados, lembrando “as glórias do seu tempo” e abominando as mudanças do presente. Estão lá, à nossa frente, esperando que possamos responder a novos problemas e a corresponder aos desafios lançados. Não sei fazer nada de maneira distante e sem pleno envolvimento. Desse modo, os alunos sempre me rejuvenesceram e, de várias maneiras, colaboraram para eu repensar o ofício de historiador. Com relação aos alunos de pós-graduação, sou muito exigente como orientadora. A relação entre

orientador e pós-graduando é, em princípio, uma relação acadêmica de poder. Porém, é preciso transformá-la em uma relação de proximidade respeitosa e afetuosa de ambas as partes. Portanto, toda vez que aceitei orientar um aluno, sabia que as afinidades intelectuais eram centrais, mas que era preciso haver algumas afinidades pessoais. Também sempre gostei de trabalhar em grupo com os alunos. Aconteceu muitas vezes que, ao término do curso regular de América Independente, um punhado de alunos entusiasmados com a descoberta dos temas latino-americanos me procurava, manifestando a vontade de continuar estudando-os. Assim, constituí diversos grupos de estudo (não institucionalizados). O primeiro surgiu em 1981, com o nome de AELA (Associação de Estudos Latino-Americanos), da qual participaram futuros alunos de pós, como José Luis Beired, Alberto Aggio e Kátia Gerab. Nós fazíamos encontros para discutir a historiografia mais recente, convidávamos intelectuais de fora do Departamento. Os alunos eram organizados, politizados e muito animados. Fizemos um encontro verdadeiramente espetacular, em 1982, sobre a Nicarágua.

**MN: E as pessoas, hoje em dia, não sabem o que foi a Nicarágua entre 1980 e 1984. Eu quase fui plantar café.**

**MLCP:** É verdade, não se tem a dimensão da efervescência política daqueles anos. Porém, enquanto estávamos preparando o Encontro, aconteceu a Guerra das Malvinas. Já tínhamos entrado em contato com o embaixador da Nicarágua no Brasil, que se dispusera a vir à USP. Assim, resultou um Encontro que se chamou: “Nicarágua, apesar das Malvinas”. Tudo aconteceu no Anfiteatro da História com a presença, além do embaixador, de nada mais nada menos que Ernesto Cardenal, então Ministro da Cultura do país. Chegou com sua boina característica e com alguns jovens que faziam sua segurança.

**MN: Eu me lembro disso.**

**MLCP:** Lembra? Tinha tanta gente que foi preciso colocar umas mesas nas portas, sobre as quais as pessoas subiram para acompanhar as apresentações. Foi um acontecimento.

**AN: Houve outros grupos?**

**MLCP:** Sim, houve muitos outros grupos. An-

tes de começar a orientar na pós, também reuni um número grande de estudantes que queriam continuar estudando a História da América Latina. Decidi que o grupo precisava ter um objetivo. Desse modo, de comum acordo com Luiz Schwarcz, que na época era diretor da ‘Tudo é História’ da Brasiliense, assumi a responsabilidade de orientar alguns títulos da coleção. Júlio Pimentel fez um livro sobre o caudilhismo, José Luis Beired sobre o movimento operário argentino, Kátia Gerab e Maria Angélica Resende sobre a rebelião de Tupac Amaru, e Hildegard Herbold e Elizabeth Azevedo sobre o Caribe. Mais tarde, na mesma linha, Gabriela Pellegrino Soares e Sylvia Colombo, que hoje é jornalista da Folha de S. Paulo, fizeram um livro sobre as lutas camponesas na América Latina, publicado pela Humanitas. Houve, ainda, um grupo muito interessado com 14 alunos, do qual fazia parte o Júlio Pimentel. Organizamos uma exposição de fotografias sobre a Revolução Mexicana e uma coleção de slides (tecnologia de acordo com a época) que está até hoje no CAPH. Coordenei outros grupos de graduação, que se reuniam regularmente. Atualmente, me encontro com cinco alunos do período noturno, que fizeram parte da última turma de graduação antes da minha aposentadoria compulsória e que estão muito envolvidos com as temáticas latino-americanas. Como vocês vêem, é praticamente um vício... Bem, acredito no trabalho conjunto, adoro perceber nos alunos o interesse pelos temas, o prazer da leitura, o envolvimento com o conhecimento, a vontade de crescer intelectualmente. Esses grupos estimulam essas aptidões. Quando comecei a orientar na pós-graduação, em 1984, era *avis rara*. Quem estudava, quem mais orientava temas de História da América Latina? Éramos bastante solitários e éramos muito poucos. Então decidi constituir um grupo de pós que se reuniu, sistematicamente, duas vezes por semestre, durante mais de 20 anos. Estava composto por meus alunos de mestrado e doutorado, mais vários “agregados”; depois os que haviam terminado, continuavam frequentando o grupo e convidavam outros colegas. Enfim um grupo aberto, para apresentar e discutir as pesquisas. E não éramos institucionalizados.

**MN: E sua experiência como professora visitante no exterior?**

**MLCP:** Fui aos Estados Unidos, pela primeira



vez, em 1987, a convite da historiadora norte-americana, especialista em História do Brasil, Barbara Weinstein, de quem me tornei grande amiga. O curso foi na State University of New York (SUNY), em Stony Brook, onde ela então trabalhava. Hoje ela está na New York University (NYU). Depois fui diversas vezes para dar cursos de graduação e de pós-graduação. Recebi uma bolsa da Tinker Foundation, por um ano, para ensinar na Brown University e fazer pesquisa na The John Carter Brown Library, extraordinária biblioteca que contém documentos sobre a América Latina, especialmente até o período da independência. Também dei aulas na Stanford University e na New York University, por indicação de Warren Dean. Voltei uma segunda vez à NYU, desta vez convidada pelo Departamento de História, para assumir alunos de pós e dar dois cursos no lugar de Warren, que havia morrido, de maneira trágica, asfixiado pelo gás do chuveiro, num quarto de hotel no Chile. Foi muito triste.

**MN: E como eram os estudantes?**

**MLCP:** Os alunos norte-americanos têm muitas qualidades. Lêm, estudam para as provas, são bem disciplinados. Porém, não têm – coisa de que eu sempre gostei – um pouco da inquietação e da contestação dos alunos brasileiros. Lecionando nos EUA, sempre sentia saudades dos “meus” alunos brasileiros! Uma das questões para explicar esse comportamento é a grande competitividade que faz com que os alunos sejam preocupadíssimos com a obtenção de notas altas. Para tanto, é preciso “agradar” ao professor, fazendo exatamente o que este pede. O outro ponto refere-se à formação universitária norte-americana na graduação que é muito diferente da nossa. É uma formação bastante geral que inclui disciplinas das mais variadas, desde literatura, língua, história até matemática e química. Desse modo, eles não adquirem aqueles conhecimentos básicos sobre história Antiga, Medieval ou Moderna e não dominam as questões mais teóricas sobre a pesquisa histórica (que apenas enfrentarão nos cursos de pós). Na pós-graduação, o aluno se especializa na disciplina da História e se debruça sobre o período e o espaço escolhidos – por exemplo, História da América Latina Contemporânea. Outro estranhamento para mim foi perceber que as questões de ordem política ficam muito longe da academia e do aparente universo dos alunos. A despeito

das dificuldades, foi uma importante experiência para mim. Creio, também, que não me saí mal. Em Stanford, os alunos eram obrigados a fazer por escrito uma avaliação dos professores. Guardo comigo as avaliações dos meus cursos. E, posso dizer, fui bem.

**AN: Eles aprovaram você...**

**MLCP:** Sim. Há outro desafio, o da língua estrangeira. Falo bem inglês, claro, mas tenho sotaque e não possuo o domínio das nuances, das sutilezas da língua. E sempre escapa algum erro. Enfim, chegar uma professora brasileira para dar um curso nos EUA, não é fácil. Em suma, fazer pesquisa no exterior é ótimo, mas dar aula é um imenso desafio. Tenho clareza de que minha experiência nos Estados Unidos (dei nove cursos) foi enriquecedora. É quase um jargão afirmar que se aprende a entender a própria cultura quando se vive no exterior. Nos Estados Unidos, também, ampliaram-se minhas perspectivas como historiadora, pois me deparei, no cotidiano acadêmico, com diferentes abordagens teóricas, com debates historiográficos diversos, com visões conflitantes sobre a universidade e o trabalho intelectual.

**MN: É ao contrário do que o estrangeiro que aqui vem. Ele vem com a posição da autoridade. Ele pode não falar português.**

**MLCP:** Exatamente, é isso mesmo. Lá é preciso provar que você tem conhecimento da língua, do conteúdo da disciplina e da cultura norte-americana para ganhar o respeito dos alunos. O último curso de graduação que dei nos Estados Unidos, na NYU, foi muito interessante. Uma turma excepcional. Por conta das particularidades da classe – fui conhecendo as habilidades dos alunos no decorrer do semestre – propus que, ao final do curso, fizéssemos uma apresentação de cultura e música brasileiras. Como bons norte-americanos, havia a “comissão da comida”, a “comissão do cenário”, a “comissão de divulgação”. Houve recital de poesia, apresentação de capoeira, show de bossa nova com uma das alunas que era cantora e tinha um irmão violonista. Até eu cantei.

**AN: Como eram seus colegas de trabalho?**

**MLCP:** Educados, mas distantes. Cada um tem sua carreira para cuidar, seus próprios afazeres. Tenho alguns bons amigos norte-americanos que são professores em diversas universidades. Mas são amizades construídas em outras circunstâncias.

**MN: E na América hispânica?**

**MLCP:** Dei cursos no Centro Universitario de Economía Humana (CLAEH) de Montevideu e no Colegio de México (COLMEX) na Cidade do México. E nos dois lugares, me senti em casa, tanto com os alunos como com os professores. São as mesmas referências teóricas e historiográficas, a mesma maneira de formular problemas, os mesmos códigos compartilhados.

**AN: Professora, tornou-se razoavelmente rotineiro o uso dos jornais no trabalho historiográfico. Seja o próprio periódico objeto de análise, seja para reconstituição de quadros políticos mais amplos, seja na história da imprensa. Quando a senhora e a professora Maria Helena Rolim Capelato se dedicaram ao estudo d'O Estado de S. Paulo, como o jornal era encarado como fonte histórica?**

**MLCP:** Os jornais eram utilizados para exemplificar ou ilustrar algum ponto dos trabalhos. Assim, nossa abordagem foi inovadora, pois tomamos o jornal como objeto de pesquisa. Nosso tema era estudar “o pensamento liberal” (como denominamos à época) de *O Estado de S. Paulo*, entre 1927 e 1937. Outro aspecto original do nosso Mestrado estava no recorte cronológico estabelecido a partir da própria fonte. O tradicional teria sido balizar por décadas. E então, por que escolhemos 1927? Porque foi a data em que o governo de Artur Bernardes suspendeu a censura imposta ao jornal. E fechamos o estudo em 1937, porque o golpe de Vargas afetou diretamente o periódico. Foi nosso orientador, Carlos Guilherme Mota, quem sugeriu o tema da pesquisa sobre o jornal. Naquele momento, estávamos contra a corrente, pois escolhemos trabalhar com um jornal “da burguesia”, estudar as “classes dominantes”. Para alguns de nossos colegas havia uma contradição entre nossa posição política e a escolha de um objeto tão longe da “classe operária”. Sei que tal visão parece hoje esdrúxula e antiquada. Bem, mas durante um ano e meio, Maria Helena e eu fomos todas as tardes ao arquivo do Estadão, na rua Major Quedinho. Lemos todos os editoriais, dia por dia. Naqueles anos, fizemos o curso de pós de Maria Sylvia de Carvalho Franco – na Filosofia – que marcou fortemente nossa formação teórica. Compreendemos, com ela, que as idéias “estão no lugar” em qualquer sociedade, inclusive no Brasil. Quero salientar a extraordinária expe-

riência que foi fazermos o Mestrado juntas. Defendemos as dissertações em 1974, no mesmo dia, com a mesma banca; e depois publicamos o livro, *O Bravo Matutino*, que contém os dois trabalhos.

**MN: Salvo engano, parece-me que vocês têm uma forte ligação com a história das idéias políticas e preocupação com “ideologia”. Se o trabalho inicial de vocês vai nessa direção, há, posteriormente, um adensamento da pesquisa na direção de um outro tipo de história política que dialoga com a cultura. Você poderia comentar um pouco essa reorientação?**

**MLCP:** Para explicar essa transição, preciso começar pelo doutoramento. Depois do mestrado, Maria Helena foi para a França e lá ficou por cinco anos. Em 1975, entrei para dar aulas de História da América, aqui no Departamento. Não poderíamos, desse modo, repetir a experiência do Mestrado. O tema do meu doutoramento – o Partido Democrático de São Paulo – foi definido depois de muita reflexão. Boris Fausto foi decisivo na escolha do tema. Considerava que não havia trabalhos sobre o PD e que seria importante pesquisá-lo. Ao trabalhar com o Partido Democrático, aproximei-me da bibliografia da Ciência Política. Era – e, em alguma medida, ainda é – difícil encontrar um historiador que estude partidos políticos. O Partido Democrático tinha o seu arquivo, que fora organizado por um membro do PD, Aureliano Leite, depositado no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na Rua Benjamin Constant. O material era considerável e nunca tinha sido pesquisado. Tinha hipóteses próprias daquele momento, voltadas, por exemplo, para o financiamento do PD. Queria encontrar os mantenedores do partido: “a burguesia agrária”, os industriais, a Associação Comercial. Apesar de ter entrevistado alguns membros do PD, inclusive alguém ligado ao antigo tesoureiro, nunca obtive qualquer resposta sobre as finanças do partido. Não havia pistas na documentação guardada sobre as contas do PD. Como vêm, a questão do financiamento dos partidos políticos já era camuflada, devendo-se concluir que o Partido era movido e sustentado por idéias (risos).

**MN: A visão da política ligada à questão da classe.**

**MLCP:** Exatamente, perguntava-me quais classes sociais o partido representava. Entretanto, ade-

mais da aproximação com a Ciência Política e do envolvimento com problemas de relações estruturais, as fontes encontradas no arquivo falaram mais alto diretamente aos ouvidos da historiadora. Havia um rico manancial à minha disposição: as cartas dos membros do partido. Eram literalmente milhares de cartas, de inúmeras cidades do interior e também da capital para o Comitê Central do Partido, e as respostas do Comitê Central. Tais fontes me levaram a pensar em uma série de problemas que no início da pesquisa não estavam no meu horizonte. Por que as pessoas aderiram ao Partido? O que esperavam dele? O que as levou, a despeito da perseguição – porque a existência de perseguição política é indiscutível – a permanecer no Partido? Não seria mais fácil permanecer no Partido Republicano Paulista (PRP)?

**MN: Perseguição, como por exemplo, perder cargo?**

**MLCP:** Sim, ser transferido de cidade ou demitido do cargo; as cartas revelam tudo isso. Também foi possível identificar os “idealistas”, que nada pediam e afirmavam ter entrado para o Partido porque acreditavam na democracia, se posicionavam contra a corrupção, queriam acabar com o voto de cabresto. O fascínio pelas cartas me levou ao interesse pela apropriação e circulação das idéias, ainda que naquele momento não tivesse feito uma reflexão mais teórica sobre a questão. Hoje percebo que este foi um momento de ruptura na minha maneira de abordar as questões da História Política. Valorizei menos a instituição partidária, as estruturas e mais os indivíduos, suas motivações, suas representações de mundo. Abri as primeiras brechas para pensar as relações entre política e cultura, tomando as duas em amplo sentido. Porém, a passagem efetiva ocorreu em razão dos debates sobre a nova História Política. Para se defender das habituais acusações de elitista, ideológica, particular, factual, nacionalista, a história política teve que repensar suas abordagens e indicar inovadores caminhos de pesquisa, entre eles, o de propor a temporalidade em outra perspectiva, a da longa duração, e o de transformar a história política em história do poder. Todo poder e, especialmente o poder político, está envolvido por representações coletivas, fazendo do domínio do imaginário e do simbólico, um lugar estratégico de importância capital. As discussões sobre a ampliação de fontes (imagens, canções, textos não erudi-

tos, etc.) e a constituição de novos temas me descortinaram inéditos horizontes para estabelecer diálogos entre política e cultura.

**AN: E por que São Paulo? O que estava em jogo nesse recorte?**

**MLCP:** Vocês estão me fazendo lembrar de uma série de questões adormecidas. Nós estávamos, Maria Helena e eu, assim como em geral nossa geração, muito atentas aos problemas teóricos e aos debates da historiografia. À época, havia uma forte discussão historiográfica sobre a história econômica de São Paulo, em especial sobre industrialização e café. Por exemplo, o livro do Warren Dean, *A industrialização de São Paulo*, propiciou acirrados debates sobre a origem do capital investido na industrialização de São Paulo. Para ele, a industrialização provinha da riqueza do café. Nas controvérsias entravam os trabalhos de Sérgio Silva, Delfim Neto e do cubano Carlos Pelayo. Sobre as questões políticas, o livro do Boris Fausto, *A Revolução de 1930. História e Historiografia* (de 1970) ao apresentar uma nova interpretação sobre o tema dialogava com o norte-americano Joseph Love, e seu *A locomotiva: São Paulo na federação brasileira*. Tratava-se de discutir o lugar de São Paulo na federação, como entender a República Velha “do café-com-leite”. Havia uma implicação política importante, afinal, em que momento a burguesia passara a ser um agente social de mudança; quem compunha essa burguesia; ela se afastava de um projeto oligárquico? E 1930 fora uma revolução burguesa? Qual o lugar das classes médias e dos tenentes como agentes de transformação social? Ressalto isso para indicar que trabalhando com o Estadão ou com o PD, tudo passava muito fortemente por São Paulo.

**AN: Problemas ligados à “Revolução de 1930” mobilizam muitos trabalhos no final dos anos setenta e início dos oitenta. É possível localizar nesse debate historiográfico sua reflexão sobre o populismo? Como a senhora encara o conceito hoje?**

**MLCP:** Como afirmei antes, minha geração – apesar das diferenças no interior dela – tinha uma grande preocupação teórica e, portanto, estávamos envolvidos com a definição dos conceitos (numa perspectiva diversa da hoje denominada História dos Conceitos de Reinhart Koselleck). “Ideologia”, por exemplo, foi um conceito que discutimos à exaustão

quando fazíamos o mestrado. Como analisar as “novas” teorias de Althusser frente à clássica *Ideologia Alemã* de Marx e Engels? Defendíamos o “rigor” metodológico. Do mesmo modo, naquele momento, a grande questão era definir o conceito de populismo. No pequeno livro sobre o populismo na América Latina, que publiquei em 1981, na Coleção “Tudo é História” dialoguei com os trabalhos de Francisco Weffort, de Octavio Ianni e de Guitta Debert. À época, assumi integralmente o conceito, no esforço de caracterizar o populismo como nacionalista, urbano, ligado à industrialização e à mobilização das massas, tendo à frente um líder carismático. O que os governos de Perón, de Cárdenas ou de Vargas tinham em comum para serem denominados de populista? O conceito oferecia a condição de generalizar, indicando as premissas básicas iguais daqueles regimes políticos e de entender as suas manifestações particulares. Havia uma série de elementos que construíam esse conceito. Na verdade, partia-se do conceito para chegar às particularidades de cada um dos casos nacionais.

**MN: Ao estilo muito sociológico.**

**MLCP:** Sem dúvida nenhuma. Nossas referências eram os textos de sociólogos e cientistas políticos. No presente, uma conclusão se destaca: quando se emprega o conceito de forma generalizante, é possível aplicá-lo a situações das mais diversas, desde os fenômenos políticos do final do século XIX nos Estados Unidos, até os governos de Lula ou Chávez, no início do século XXI. Para o historiador, o conceito se desmancha. Em suma, não mais aceito trabalhar com o conceito de populismo.

**MN: Eu tenho uma questão. Parece-me que apesar desse problema com o conceito, houve uma apropriação interessante no debate acadêmico latino-americano, que possibilitou se posicionar contra o uso que se fazia do conceito de populismo, não só nos Estados Unidos. Porque lá o populismo é de direita, o populismo é conservador, o populismo é demagogia. Esse debate estabelecido nos anos 50, 60 e parte dos 70, contra um tipo de conceito de populismo que era usado para desqualificar a política de massa.**

**MLCP:** Concordo com você. Penso que uma questão muito interessante é trabalhar com a perspectiva de que os trabalhadores – organizados ou

não – têm reivindicações políticas específicas, promovem manifestações e, portanto, existem como sujeitos políticos. Não são apenas marionetes a serviço de um Estado manipulador. É preciso atentar para uma análise que estabeleça outra relação entre o Estado e as massas. Não podemos pensar que o Estado apenas impunha suas decisões sobre uma massa amorfa e passiva, incapaz de pensar e de agir, contentando-se apenas com as migalhas. Vejo como inadequada tal visão.

**AN: Professora, nós procuramos seguir um roteiro de indagações que realçasse os recortes que delimitam sua produção. Começamos pelas fontes, temas, problemas, conceitos, mas há dois que, se já apareceram anteriormente, merecem ser tratados de forma explícita: a passagem para América Latina e a dedicação à História Contemporânea – áreas que, salvo engano, não eram muito prestigiosas.**

**MCLP:** Terminado o doutoramento em 1982, tomei a decisão de me dedicar, na pós-graduação, a formar jovens pesquisadores em História da América Latina e não em História do Brasil. Era um desafio, pois não havia na área uma tradição de pesquisa. Acreditei nesse projeto, ainda que não de forma calculada. E também resolvi que meus trabalhos subsequentes seriam sobre temas latino-americanos. É bom que se diga que, à época, América Latina era um campo sem prestígio, um tanto à margem. Outro dado importante: os cursos de História da América Independente do Departamento, assistidos pela minha geração, eram bastante factuais e estavam limitados cronologicamente a meados do século XIX. Estudamos as “independências”, o “caudilhismo”, algo sobre a formação do Estado e ponto final. Nunca chegamos ao século XX. Para mim, era fundamental mudar isso não apenas nos cursos da graduação como nos de pós.

**AN: É notável a valorização que a senhora dá à perspectiva comparada, e todos sabemos que também nessa aposta tem uma mão de March Bloch, não é mesmo?**

**MLCP:** Vocês têm toda razão. Já no meu doutoramento, tentei trabalhar com a comparação. Queria estudar as aproximações entre o Partido Democrático de São Paulo e a União Cívica Radical na Argentina. O desejo mostrou-se inviável, fundamen-

talmente pela exiguidade dos prazos do doutoramento. Acredito que é muito estimulante, para o pesquisador, olhar o Brasil ao lado dos países de colonização espanhola, como parte da América Latina. Foi o que defendi na introdução do meu livro, *América Latina no século XIX. Tramas, Telas e Textos*. Edmundo O’Gorman, historiador e filósofo mexicano, escreve em *A invenção da América*, de 1958, que a América, contraditoriamente é e, ao mesmo tempo, não é a Europa. Penso que o Brasil é e, ao mesmo tempo, não é América Latina. Ora ocorrem aproximações, ora afastamentos. Continuo defendendo a perspectiva de que aproximações, comparações e conexões entre o Brasil e a América Latina oferecem resultados profícuos.

**MN: Há uma imagem nossa em oposição.**

**MLCP:** Em oposição. Pretendia, ao contrário, trabalhar as aproximações. Eu tinha a intenção de fazer essa comparação. As historiografias nacionais, já dizia Marc Bloch, são fechadas. E acrescento, trabalham num certo circuito de temas, questões e interpretações que acabam tomadas como naturais. Quando se trabalha com outro espaço nacional, familiarizando-se com uma nova historiografia, descobre-se um manancial de problemas e de hipóteses que não apareceria se o pesquisador permanecesse encerrado na historiografia de seu país de origem. Ultimamente, a proposta das histórias conectadas e da história transnacional tem oferecido possibilidades de se pensar a circulação das idéias e a atuação de mediadores, sem tomar um único centro produtor e irradiador. Essa perspectiva propicia pensar de forma não-dicotômica, sem estabelecer polos simplesmente opostos. Voltando à história comparada, ressaltemos que ela supõe muitos requisitos: erudição e maturidade intelectual, entre outros. Há uma série de trabalhos interessantes em que a comparação foi utilizada. A começar por Maria Helena Rolim Capelato sobre a propaganda política no Varguismo e Peronismo. Alguns de meus alunos também foram muito bem sucedidos nesse projeto. José Luis Bendicho Beired, que comparou os intelectuais nacionalistas de direita no Brasil e na Argentina na metade do século XX (desde o mestrado ele queria ter enveredado pela comparação; no caso, entre Partido Laborista argentino e o Partido Trabalhista Brasileiro). Gabriela Pellegrino Soares estudou as editoras e bibliotecas infantis na

Argentina e no Brasil, na primeira metade do século XX. E Gabriel Passetti trabalhou comparações e conexões entre a Argentina e a Nova Zelândia, tomando como ponto de partida o relato de viagem do comandante britânico Robert FitzRoy.

**MN: Uma das dificuldades desse tipo de trabalho é encontrar o problema no processo que seja comum mas, ao mesmo tempo, que tenha desdobramentos singulares.**

**MLCP:** Exatamente. Fiz um artigo analisando as propostas liberais e positivistas sobre a universidade na América Latina da segunda metade do século XIX. Queria entender como as idéias positivistas foram apropriadas no México, no Chile e no Brasil, produzindo práticas tão diversas. Como se deram os embates entre liberais e positivistas nos três países? Por que o positivismo no Brasil impediu a criação de universidades e no México propôs a criação da Universidade Nacional?

**AN: Quando a senhora começou a orientar? E como foi sustentar a decisão de dedicar-se exclusivamente a temas latino-americanos?**

**MLCP:** Como disse anteriormente, comecei a orientar em 1984. A decisão de dedicação exclusiva aos temas latino-americanos foi relativamente fácil de sustentar. Isto porque tive sempre excelentes alunos que se interessaram por fazer pesquisa em História da América Latina. No início, o nosso Programa recebia muitos professores de outras universidades do Brasil, pois fomos o primeiro Programa a implantar o doutoramento. Desse modo, orientei alguns colegas que já ensinavam História da América em suas universidades, como Heloisa Reichel e Philomena Gebran. Ou que trabalhavam em instituições da USP (no caso, o MAE), como Camilo de Mello Vasconcellos, que analisou imagens da Revolução Mexicana no Museu Nacional de História daquele país. Mas conheci a maioria dos meus alunos nos cursos de graduação e foi aí que eles “descobriram” a América Latina. Entretanto, outro desdobramento importante ocorreu. Mary Anne Junqueira, ao trabalhar em seu doutoramento com a visão da revista *Seleções* sobre a América Latina, adentrou pela historiografia norte-americana sobre *wilderness*. Seu fascínio a levou a iniciar a construção de um campo de pesquisa sobre História dos Estados Unidos que já apresentou os primeiros e

promissores resultados. Enfim, posso dizer, com muita satisfação e orgulho, que formei um grupo de pesquisadores que hoje ensinam nas principais universidades brasileiras e que tiveram publicados seus trabalhos de pesquisa. E, mais significativo, eles também orientam seus alunos, garantindo a continuidade e o adensamento da área.

**AN: Há algo que chama a atenção no seu percurso: a disposição permanente para participação em conselhos, comissões, órgãos representativos. Enumerá-los seria cansativo, muito embora a senhora pareça não se cansar dessas atividades. Uma consulta ao seu currículo informa que a senhora não passou um ano sequer desde o início de suas atividades profissionais na universidade sem estar envolvida em pelo menos um espaço dessa natureza. Isso não é corriqueiro. Gostaríamos que comentasse: como a senhora vê a ligação entre esse envolvimento institucional e produção historiográfica?**

**MLCP:** Acredito na universidade pública, apesar de todos os seus problemas. Fui sempre advogada militante da universidade pública gratuita. Creio que ela continua sendo o melhor lugar para a formação dos alunos em todas as áreas do conhecimento. Se a USP fosse paga, eu jamais poderia ter feito o curso, porque não tinha recursos para pagar uma universidade. Assim, devo minha formação à USP. A universidade me ofereceu tanto que me parece absolutamente lógico que eu retribuísse na medida das minhas possibilidades. Valorizo a *res publica* e estou com ela comprometida. Nesse sentido, exerci muitos cargos administrativos, sem “ter jeito para a coisa”, como muitos dizem. As atividades burocráticas são penosas e tive que aprender a exercê-las. Fiz como um dever, por mais antiquado que possa soar. Não se pode esquecer que nosso nome e nosso lugar acadêmico estão vinculados e associados à instituição. Desse modo, deve-se contribuir para que ela funcione, participando de sua manutenção. É certo que se despende tempo com essas atividades administrativas, mas na maioria dos casos (com exceção dos cargos de chefia de departamento e direção de faculdade), elas não impedem as atividades de pesquisa. Gostaria aqui de lembrar duas experiências pessoais. Exerci o cargo de chefe do departamento entre novembro de 1996 e novembro de 1998, sendo vice-chefe, a saudosa amiga, Ilana Blaj. Mais

tarde, entre 2006 e 2008, Modesto Florenzano foi chefe e eu vice-chefe. Creio que os dois são bons exemplos do que disse, pois compartilhavam o mesmo sentimento de respeito pela coisa pública e de dedicação à instituição, tornando muito fácil o trabalho conjunto. Para mim, a vida universitária demanda a nossa atuação por completo, da mesma maneira como sempre me envolvi com as questões mais amplas da vida política.

**AN: Há algo marcante nesse quesito dos vínculos institucionais, que diz respeito à área de América, cuja consolidação e profissionalização é indissociável de sua atuação. Como a senhora sintetizaria esse percurso mais ligado à área?**

**MLCP:** Creio que há dois pontos a serem destacados. O primeiro refere-se ao fato de a área contar com docentes que também são pesquisadores de temas de História da América Latina, resultado de um lento processo acontecido nos últimos 25 anos. O segundo remete a uma particularidade da disciplina. Os professores de América Independente trabalham em conjunto. Esta é uma de nossas marcas. E é nessa perspectiva que foi pensado nosso Projeto Temático/Fapesp: *Cultura e Política nas Américas: Circulação de Idéias e Configuração de Identidades*, que iniciou suas atividades em janeiro de 2007. Dele fazem parte quatro docentes da disciplina: Maria Helena Capelato, Mary Junqueira e Gabriela Pellegrino Soares; e também José Luis Beired e Carlos Alberto Barbosa da UNESP/Assis; Tânia da Costa Garcia da UNESP/Franca e Stella Scatena Franco Villardaga da UNIFESP/Guarulhos. O Projeto funciona super bem porque é resultado de uma história de trabalho conjunto que nos leva a atuar na mesma sintonia e nos permite usufruir plenamente esta fecunda experiência de pesquisa. Os alunos que vão chegando, compreendem que esse é o clima. O grupo é grande e participa de todas as atividades programadas, porque cada um se sente parte integrante do Projeto.

**AN: Professora, esta entrevista não pode encerrar sem contemplar sua participação na instauração da atual Plenária Departamental. Como isso ocorreu?**

**MLCP:** Primeiro, é preciso esclarecer que a gestão acadêmica e administrativa do departamento cabia ao Conselho, que era composto pelos titulares

e por representantes das categorias de doutor, mestre e auxiliar de ensino. Isto significava que o poder decisório concentrava-se nas mãos das figuras que estavam no topo da hierarquia acadêmica. Fui eleita pelos meus pares, logo no início, representante dos Mestres e aprendi muito com Maria de Lourdes Janotti e Sylvia Basseto, respectivamente representantes dos doutores e auxiliares de ensino, minhas colegas no Conselho. Nós três formávamos um bloco contra o poder dos titulares/catedráticos. Perdíamos todas as votações, mas fazíamos muito barulho, pois tínhamos uma proposta política de democratização das instâncias de poder do Departamento. Lembre-se que a maioria dos professores não eram efetivos e que nossos contratos tinham que ser renovados a cada três anos pelo Conselho do Departamento. A tomada de posições políticas críticas aos mais velhos implicava arriscar o próprio emprego, pois o Conselho tinha o poder de demitir os docentes. Tínhamos, as três, sempre votos contrários à nossa recontração. E as novas contratações se faziam, na maioria dos casos, por indicação dos antigos catedráticos. Nesse quadro, os professores mais jovens - que hoje já não são tão jovens - começaram a se organizar politicamente para fazer uma proposta de democratização das instâncias de poder do Departamento. Penso que meu envolvimento institucional, de que falamos anteriormente, se deve em parte a ter vivenciado esse período, que foi muito importante para mim e também decisivo para o futuro do Departamento. Nossas reivindicações eram: 1. Contratação de docentes por concurso; 2. Criação de uma Plenária (no lugar do Conselho) com a participação todos os professores que deveriam ter direito a voz e voto, e contar com a efetiva participação de alunos e de funcionários; 3. Eleição do Chefe do Departamento pelas três categorias. Bandeiras que se transformaram em novas práticas políticas. E, além disso, defendíamos a idéia da isonomia da carga horária, isto é, todos os professores, quer fossem titulares, doutores ou mestres, deveriam ter a mesma carga horária. O que não era nada usual. Os mais titulados se dispensavam da responsabilidade com as aulas, delegando-as aos menos titulados.

**MN: Isso ocorre quando?**

**MLCP:** Esse processo de mudança, que demorou um bom tempo, foi um desdobramento da

greve dos alunos do Departamento no primeiro semestre de 1978. Os alunos queriam o afastamento de alguns professores e, para tanto, a greve se estendeu por todo o semestre. Havia uma forte tensão e todos os alunos perderam o semestre. No segundo semestre, quando as aulas voltaram, tinha-se a sensação de que nada mudara, porque nenhum dos professores indesejados fora afetado. Aparentemente. Para mim, esses acontecimentos se converteram em uma impressionante lição de política. O abalo foi poderoso e detonou uma discussão e articulação dos jovens professores contra o grupo de titulares que determinavam os destinos do Departamento. Os primeiros efeitos começaram a aparecer. Houve uma primeira eleição para Chefe vencida por Carlos Guilherme Mota. Em um dos primeiros concursos realizados em 1980, Werner Altman foi o escolhido para a disciplina de América Independente. A Plenária ganhou existência e começou a funcionar. E, desde então, os professores têm a mesma carga horária de aulas, independente de seus títulos.

**AN: Como a senhora caracterizaria a posição da mulher no espaço do DH? Há áreas extremamente masculinas – a filosofia, sobretudo nos primeiros anos da Faculdade. Porém, na História há uma porção razoável de mulheres-professoras. Esse aspecto, contudo, seria um indicativo seguro de uma relação mais equânime entre os gêneros?**

**MLCP:** Quando iniciei minhas atividades no Departamento em 1975, havia uma maioria de professores homens. Não era segredo, à época, que alguns deles não viam a entrada de mulheres para o Departamento com bons olhos, chegando mesmo a não aceitar representantes do sexo feminino em suas áreas. Também se revelava, em um ou outro comentário, certo tom de condescendência em relação às docentes que não eram vistas como iguais no universo acadêmico/intelectual. O tempo passou, mudanças substantivas ocorreram e, felizmente, essas surradas perspectivas se dissiparam.

(\*) Em outubro, Maria Lígia Coelho Prado apresenta-se compulsoriamente, por completar setenta anos.

Entrevista realizada em 22 de abril de 2010, na sala da professora Maria Lígia Coelho Prado, no Departamento de História da USP.

**Agradecimentos:**

A elaboração da entrevista contou com o auxílio de alguns daqueles ex-alunos dos quais a entrevistada se orgulha. Todos, quando solicitados, foram de uma prontidão impagável. À sua maneira, cada um nos auxiliou com uma sugestão, depoimento ou

lembrança, em especial, de detalhes que a pesquisa prévia não poderia encontrar senão entre os próximos. Registramos nossos sinceros agradecimentos aos professores José Luis Bendicho Beired e Paulo Henrique Martinez (UNESP-Assis); Kátia Gerab (UFMG); Mary Anne Junqueira e Gabriela Pellegrino Soares (USP).

## PREMIAÇÃO

### PROFESSORES DA FFLCH SÃO INDICADOS AO PRÊMIO JABUTI

POR LUIS RICARDO BÉRGAMO

No mês de setembro, a Câmara Brasileira do Livro divulgou a lista dos classificados para a primeira fase do Prêmio Jabuti. Entre os autores escolhidos há nove professores da FFLCH.

Com realização desde 1959, o Prêmio Jabuti é concedido pela Câmara Brasileira do Livro e tem como principal mérito incentivar e divulgar a produção editorial nacional. Quando criado, o primeiro romance premiado com o Jabuti foi “Gabriela Cravo e Canela”, de Jorge Amado; naquela época haviam sete categorias premiadas. Hoje o Jabuti é um dos principais prêmios do mercado editorial do país, premia 29 categorias e concede R\$ 30 mil para o primeiro lugar das categorias Livro do Ano Ficção e Livro do Ano Não-Ficção. As outras categorias recebem o valor de R\$ 3 mil cada uma.

Os professores da FFLCH indicados para a primeira fase do Prêmio Jabuti são:

***Categoria Ciências Humanas:***

**ALFREDO BOSI** – *Ideologia e Contraideologia: temas e variações*

**MARIA LUIZA TUCCI CARNEIRO** (org.) – *Tempos de Fascismo: Ideologia – Intolerância – Imaginário*, livro organizado também por Frederico Croci.

***Categoria Teoria/Crítica Literária:***

**DAVI ARRIGUCCI JÚNIOR** – *O Guardador de Segredos*

**SEGISMUNDO SPINA** – *Ensaio de Crítica Literária*

**MARCOS ANTONIO DE MORAES** (org.) – *Câmara Cascudo e Mário de Andrade – cartas 1924-1944*

**GLÓRIA CARNEIRO DO AMARAL** (org.) – *Navette Literária França-Brasil* (Tomos I e II)

***Categoria Tradução***

**MARCELO PEN** – *Os Embaixadores*

**EDUARDO BRANDÃO** – *2666*

**ALÍPIO CORREIA DE FRANCA NETO** (pesquisador) – *Estranho Interlúdio*

## CONVÊNIO

### USP ASSINA ACORDO INTERNACIONAL COM UNIVERSIDADE CANADENSE

Após ter trabalhado como professora da Universidade de Guelph entre 2007 e 2008, a Profa. Dra. Eliane Gouvêa Lousada deu prosseguimento às re-

lações com essa Universidade, trazendo, em 2010, a Profa. Dra. Frédérique Arroyas para ministrar o curso *Intermedialidade: teorias e práticas* no programa de



Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, do Departamento de Letras Modernas. Em 2011, ao lado da Profa. Dra. Maria Inês Campos, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e da Profa. Dra. Beth Brait (PUC-SP), convidou o Prof. Dr. Clive Thomson para ministrar o curso “O círculo de Bakhtin e a análise do discurso social”, no Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do DLCV. Em agosto de 2011, um “memorandum of agreement” foi assinado entre a Universidade de Guelph e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, que visa estreitar os intercâmbios entre alunos e professores. Como consequência, a aluna de mestrado do Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em francês, Renata Añez de Oliveira, foi selecionada para trabalhar como assistente nas áreas de francês e português na Escola de Línguas e Literaturas da Universidade de Guelph durante um semestre. O processo seletivo constou de análise de currículo e carta de motivação, eliminatórios, seguidos de uma mini-aula de 30 minutos. O comitê de seleção foi composto pelas professoras do Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, as Profas. Dras.

Verónica Galindez Jorge, Adriana Zavaglia e Eliane Gouvêa Lousada. Renata terá, a partir do 1º de setembro de 2011, quinze horas de trabalho semanais, em que ministrará aulas de conversação, na modalidade “laboratório” de línguas, auxiliará os professores nas correções de textos produzidos por alunos, atendimento individual a alunos, entre outros. Além disso, Renata apresentará sua pesquisa de mestrado no curso de Metodologia que reúne três programas de Pós-Graduação: Estudos Franceses, Estudos Europeus e Estudos Latinoamericanos. Ao retornar para o Brasil, em dezembro de 2011, Renata trará sua experiência em uma Universidade canadense para discussão com os outros alunos de mestrado e doutorado do programa, como uma forma de dar continuidade ao intercâmbio. No mês de setembro de 2011, um outro processo seletivo será lançado, para a escolha de outro aluno que passará o semestre de inverno na Universidade de Guelph, de janeiro a abril de 2012. Esperamos que seja o início de um intercâmbio profícuo entre a Universidade de Guelph e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Com reportagem de Bruna Escaleira

## FFLCH PARTICIPA DE PROGRAMA QUE DARÁ AO ALUNO DIPLOMA BINACIONAL

ADMA FADUL MUHANA

PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

O Programa de Licenciaturas Internacionais CAPES/UC é uma iniciativa da CAPES e da Universidade de Coimbra, com apoio do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), que está em seu segundo ano de vigência. É um Programa que visa à dupla titulação de licenciandos, os quais, ao fim dos seus estudos, receberão um diploma conjunto: no caso, da Universidade de São Paulo e da Universidade de Coimbra. Tendo já feito um ano e meio de graduação na universidade brasileira, os alunos cumprirão os dois anos seguintes na universidade portuguesa para, finalmente, terminarem seu curso novamente no Brasil. Para o período em que estiverem no exterior, os estudantes receberão uma bolsa no valor de R\$ 600,00/mês, seguro saúde e auxílio instalação, bem como a passagem aérea. Em

Coimbra, além de conviverem com os colegas e professores da universidade, farão estágios de licenciatura em escolas públicas portuguesas, com o que desfrutarão de uma experiência única e multiplicadora em relação à sua atuação profissional no ensino, posteriormente à sua graduação. Destinado a diversas áreas e com abrangência nacional, é um Programa que atua claramente no sentido da melhoria do ensino dos cursos de licenciatura e da formação de professores.

Esse Programa nos pareceu muito interessante, a mim e à Profa. Marcia Maria de Arruda Franco, ambas da área de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, que comumente ministramos as disciplinas de Literatura Portuguesa I e II aos alunos do segundo ano do curso de Letras, em

suas diversas habilitações. Afinal, a Universidade de Coimbra, pelas suas tradições históricas e culturais, tem forte laço com as universidades brasileiras desde o período colonial, quando era a principal instituição de ensino superior dos estudantes brasileiros da elite. Ao propiciar uma retomada deste diálogo interinstitucional, num novo patamar de reciprocidade, parceria e construção bilateral de conhecimentos no âmbito da cultura lusófona, protagonizado agora por estudantes do ensino público, o Programa de Licenciaturas Internacionais CAPES/UC constitui uma oportunidade ímpar para os graduandos de Letras da USP, os únicos no país que têm obrigatoriamente quatro semestres de Literatura Portuguesa em seus currículos, ao nosso conhecimento.

Além disso, tivemos convicção de que os objetivos do Programa eram de suma relevância para nossos alunos de Letras em geral e por ter como pré-requisitos uma condição vivenciada por muitos deles: o Programa exigia, para a candidatura dos estudantes, que os inscritos tivessem cursado todo o ensino médio e pelo menos dois anos do ensino fundamental em escolas públicas brasileiras. Esse requisito – que, a muitos, pareceu uma “discriminação” – expressava na verdade um reconhecimento de que, se um aluno de escola particular pode ou não ter condições de realizar parte de sua graduação no exterior, o estudante da escola pública brasileira certamente não a tem. Não só isso: embora os alunos fossem pré-selecionados por nós, a seleção final de todos os projetos concorrentes se baseou na média ponderada do curso, com o que foram contemplados pela Capes os melhores daquele conjunto, alunos com nota acima de 7,8. Com esse sistema, o Programa soube conciliar uma proposta seletiva de condição socioeducativa, em relação aos alunos das escolas públicas que ingressaram em universidades públicas de prestígio, com uma proposta de mérito, agradando os de melhor desempenho acadêmico. No curso de Letras tivemos a alegria de, entre os mais de trinta alunos candidatos ao projeto, podermos pré-selecionar dezoito com aquele perfil e nota acima de 7,0. Entre esses, e por limitações do Programa, foram aceitos pela Capes apenas sete, que representam diversas licenciaturas de Letras: em Espanhol,

Francês, Inglês, Latim e Russo, além de Linguística. Na realidade, o número reduzido de alunos aceitos foi a única sombra em nosso contentamento, pois nos empenhamos para que todos os dezoito estudantes pudessem desfrutar da mesma experiência.

Tudo isso fez com que eu e a Profa. Marcia nos lançássemos a elaborar (em menos de duas semanas!) o projeto que terminou sendo o único da USP a ser aprovado pela CAPES/UC, entre os trinta selecionados de todo o país. Na “corrida” para a apresentação do projeto, se não fosse a ajuda de alguns colegas não teríamos conseguido de modo algum realizá-lo: a Profa. Marli Quadros Leite, presidente da Comissão de Graduação da Faculdade, que todo o tempo nos auxiliou com sugestões e na efetivação da candidatura do projeto junto à Pró-Reitoria de Graduação; a Profa. Maria Inês Batista Campos, da área de Filologia e Língua Portuguesa do nosso mesmo Departamento, que nos esclareceu tantas dúvidas e forneceu indicações e bibliografia imprescindível acerca das licenciaturas; o Prof. Caio Gagliardi, coordenador de graduação da área de Literatura Portuguesa e também membro da equipe do projeto, e a Assistente Técnica de Direção, Angelina Martha Chopard Gerhard, da Pró-Reitoria de Graduação, sempre atenta, previdente e gentil, para citar apenas os mais diretamente envolvidos na efetivação do projeto junto à Capes.

Em termos de objetivos institucionais, estamos certas de que tal Programa amplia e dinamiza a formação de docentes para o ensino básico no contexto nacional; é criativo na formulação e implementação de novas diretrizes curriculares para a formação de professores; e, finalmente, no caso da nossa Faculdade, demonstra a oportunidade de Programas binacionais para as Humanidades e, mais especificamente, para a área de Letras. Só podemos desejar agora que esses alunos, além de receberem com atenção a cultura e a instrução acadêmica que Coimbra tem a lhes oferecer, transmita-lhe e a seus colegas portugueses tudo o que, com dificuldades, dignidade e qualidade, a educação pública brasileira lhes forneceu.

Com reportagem de Luis Ricardo Bérnago

## EVENTOS

### UM TRATADO SOBRE POÉTICA DISFARÇADO DE POESIA

“A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.  
 Meu fado é o de não saber quase tudo.  
 Sobre o nada eu tenho profundidades.  
 Não tenho conexões com a realidade.  
 Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.  
 Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).  
 Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.  
 Fiquei emocionado.  
 Sou fraco para elogios”  
*Tratado geral das grandezas do ínfimo, (Manoel de Barros)*

Por Bruna Escaleira

No ano em que o livro *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, do poeta mato-grossense Manoel de Barros, completa dez anos de publicação, Carlos Eduardo Brefore Pinheiro defende sua Tese de Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada “Entre o ínfimo e o grandioso, entre o passado e o presente: o jogo dialético da poética de Manoel de Barros”. Ao analisar as relações antagônicas que não apenas regem esta “obra-tratado”, como constituem o cerne do processo criativo do poeta, o pesquisador buscou chegar a um patamar interpretativo sobre os fundamentos que o norteiam e as tendências poéticas que trilhou, sem perder de vista o diálogo aberto pelo artista, avivando relações entre cultura, arte e sociedade. Em entrevista ao INFORME, Pinheiro aponta as contribuições do poeta para os dias de hoje e detalha os pontos mais importantes de sua tese.

**INFORME: Como a obra do autor se relaciona à produção cultural de hoje? Qual a importância de Manoel de Barros para as gerações atuais e futuras?**

**Carlos Eduardo Brefore Pinheiro:** A obra de Manoel de Barros começou a ganhar o reconheci-

mento público nos últimos anos. Embora o autor publique seus poemas desde 1937, foi na década de 90 que seus livros começaram a ser percebidos pela crítica especializada. É nessa época que surgem as primeiras pesquisas acadêmicas sobre este poeta e também sua projeção na mídia. Podemos considerar hoje Manoel de Barros um dos poetas mais asseidiados pela imprensa, o que lança sua obra na direção de diferentes públicos, não apenas o universitário. Creio que as gerações futuras verão Barros como um escritor preocupado constantemente com o pensar sobre o fazer literário, visto o questionamento constante que sua poesia faz: o que é fazer poesia?

**INFORME: O que o levou a escolher o livro *Tratado geral das grandezas do ínfimo* para abordar a dialética em Manoel de Barros? Como este tratado se contextualiza e o que representa na obra do poeta?**

**CEBP:** Pensando que uma das constantes da poesia de Manoel de Barros é o auto-questionamento sobre a criação poética, o título da obra (“tratado”) chamou-me a atenção no sentido de tentar entender este volume específico da produção literária de Barros não apenas como um livro de poemas, mas como um tratado moderno sobre poética disfarçado de livro de poesia. Cotejando o livro em questão com os

demais da obra do poeta, pude perceber uma retomada de temas e propostas de produção literária que já se anunciavam desde o “Livro sobre nada”, publicado em 1996, e que, de lá para cá, se tornaram o cerne de sua criação estética. O “Tratado” seria então uma espécie de sistematização, por via poética, da concepção literária que norteia o trabalho de Manoel de Barros ao longo desses anos.

**INFORME: Como se articulam as relações dialéticas entre “ínfimo e grandioso” e “passado e presente” nos poemas do autor?**

**CEBP:** Compondo poemas voltados para a infância como tempo/espaço idealizado, para os seres do ambiente pantaneiro, inclusive os mais ínfimos, e para a própria poesia, Barros demonstra que sua obra se forma e se movimenta por meio de um mecanismo dialético entre semas paradoxais: o ínfimo e o grandioso; o passado e o presente. Mais do que um simples jogo antitético entre estes elementos, porém, suas composições estabelecem uma relação muito particular entre eles, como desenvolvido nas análises. Com isso em vista, a proposição da minha tese foi a de demonstrar que entre (a) passado e (b) presente existe a intenção de um resgate (no plano da criação literária) – uma infância utópica que é lembrada em função de um projeto estético que se alicerça como um processo paradoxal de volta às origens dos seres, das coisas e da própria linguagem. Além disso, entre (c) grandioso e (d) ínfimo existe uma intenção de valorização – o ínfimo é evidenciado e valorado em função de uma ligação, direta ou indireta, com elementos que são em si mesmos grandiosos, ou que induzam a tal pensamento.

**INFORME: Fale sobre os tipos de relações que o poeta estabelece entre a figura humana, a natureza e o tempo.**

**CEBP:** Neste caminho, planejado e trilhado por Manoel de Barros para a criação deste seu “Tratado geral das grandezas do ínfimo”, dentro da articulação entre as duas macrorrelações basilares na arquitetura da obra, isto é, (a) o grandioso e o ínfimo e (b) o passado e o presente, é a figura do ser humano o elemento de ligação entre todas estas vertentes. Numa perspectiva espacial, é o movimento cósmi-

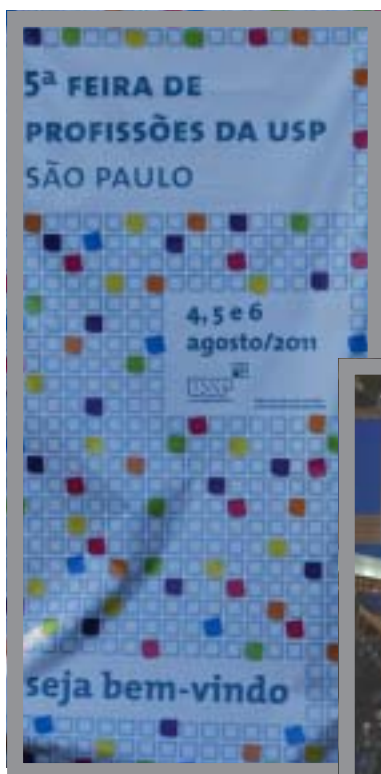
co empreendido pelo sujeito (e, por extensão, pelo ser humano em geral) que ligará o céu e a terra, a altura e a profundidade, os seres do céu e os seres do chão, os reinos animal, vegetal e mineral, metamorfoseando-os em função da criação literária. Já numa perspectiva temporal, é o movimento empreendido pelo sujeito na busca do tempo perdido da infância como tempo mítico, das origens (do homem, dos seres, do mundo e da linguagem), gerador da percepção estética que se instaura no momento presente, materializada num objeto concreto – o “Tratado”. Assim, na visão de Manoel de Barros, as relações que se estabelecem a partir da figura do sujeito – entre o céu e a terra, entre o grandioso e o ínfimo, entre o passado e o presente, entre os diferentes reinos da natureza – são a expressão poética das manifestações do devir da vida humana.

**INFORME: Em sua opinião, quais as principais tendências poéticas trilhadas por Manoel de Barros? Quais destas tendências o autor tomou como referência para seu trabalho e de quais foi precursor e referência?**

**CEBP:** É comum, nos estudos acadêmicos sobre Manoel de Barros, as tentativas de fazer uma leitura comparativa de sua obra, ligando-a à produção literária de autores como Fernando Pessoa, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Creio que as marcas de intertextualidade não podem ser negadas, visto que Barros faz referências explícitas a autores, teóricos e artistas em geral. Porém ficarmos no plano da simples comparação é empobrecer sua obra enquanto criação original. Embora sua produção se estenda por mais de 70 anos, a rigor, este poeta não se filia a nenhum momento das chamadas “gerações modernistas”, o que faz de sua obra algo singular dentro do quadro da poesia brasileira moderna. Talvez possamos encarar Manoel de Barros como um poeta precursor se pensarmos na constante autorreferenciação que sua obra faz enquanto criação poética, na atitude abertamente lúdica que o poeta dá a seus poemas, vistos como um jogo a ser jogado pelos leitores, que requer a apropriação de regras muito próprias, as quais o próprio autor dá, por meio de seus metapoemas.

## V FEIRA DE PROFISSÕES DA USP

PROFA. DRA. GILIOLA MAGGIO  
VICE-PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CULTURA E EXTENSÃO DA FFLCH



A V Feira de Profissões da USP, ocorrida entre os dias 04, 05 e 06 de agosto no Centro de Práticas Esportivas – CEPEUSP, foi promovida pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, sob a direção da Profa. Dra.

Maria Arminda do Nascimento Arruda. A Feira reuniu, num mesmo local, expositores das unidades da capital e interior, ao todo sete *campi* da USP e congregou professores, alunos e funcionários que se empenharam durante três dias para fornecerem o

máximo de informações a um numeroso e interessado público, em sua maioria alunos provenientes da Rede Pública de Ensino.

O stand da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas teve presença e participação ativa de um grupo significativo de monitores. Os alunos André Astorino Sanchez (Letras), Araci Pereira Santos (Letras), Carlos Augusto Bordignon (Letras e Geografia), Eraldo Souza dos Santos (Filosofia), Felipe Marineli (Ciências Sociais), Felipe Vinícius dos Santos (Geografia), Luci Anraku (Letras), Pedro Augusto Bertolini Bezerra (Geografia), Rodrigo Ignácio da Costa (História), Silvana da Silva Ribeiro (Letras), Simone Dominici (Filosofia), Vivian Batista Cinel (História), Yarace Morena Boregas Rego (História) estavam à disposição para dar esclarecimentos sobre os respectivos cursos, experiências individuais e a vida na Universidade.

Além dos monitores, professores de nossa Unidade participaram do momento “Conversa com professores” salientando a importância da profissão, mostrando caminhos, possibilidades das diversas carreiras e falando de sua própria experiência aos alunos. Participaram os Profs. Drs. Esmeralda Vailati Negrão, Assessora da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão (DL), José Nicolau Gregorin Filho (DTLLC), Marco Aurélio Werle (DF), José Antonio Vasconcellos (DH), Mário Ramos Francisco Júnior (DLO) e Giliola Maggio (DLM).

Os professores Mário e Marco Aurélio falam da importância de seu contato com os alunos:

“Preparei minha fala no evento com o intuito de discutir sobre o estudo de línguas, literaturas e culturas mais distantes da realidade dos estudantes, além de abordar as perspectivas profissionais na área (aproveitando minha experiência com a língua e literatura russa e partindo dela para os estudos orientais em letras). Havia um grupo composto por cerca de vinte estudantes participando da discussão e mui-

tos deles participaram com perguntas. O que mais me chamou a atenção foi a quantidade de perguntas relacionadas ao mercado de trabalho para o tradutor (os estudantes buscavam informações sobre a condição do tradutor no mercado editorial e mesmo no campo da tradução juramentada). Também foi assunto constante na conversa a possibilidade de intercâmbios junto às universidades estrangeiras e a recepção de alunos estrangeiros na USP. Busquei levar minha experiência pessoal ao debate já que, em decorrência do estudo de língua e literatura estrangeira, vivi por alguns anos no exterior, trabalhando e estudando. Assim, a conversa acabou tomando o rumo da relação entre língua e cultura, tema que parece ser um dos focos de interesse dos estudantes atraídos para discutir sobre a carreira em letras”. (Mário Ramos Francisco Júnior)

“Achei válida a iniciativa. Os jovens se mostraram interessados e ao mesmo tempo um pouco ansiosos, principalmente com a perspectiva profissional futura. Procurei indicar-lhes também possibilidades que não se restringem apenas ao resultado mais imediato da profissão. Pois, a universidade deve se mostrar também como um espaço de formação do caráter do ser humano e de cidadãos úteis em vários sentidos à sociedade. O espaço onde ocorreu o evento talvez seja um pouco apertado. No caso da filosofia, também seria necessário menos ruído, uma vez que se necessita usar bastante a fala ou a linguagem para explicitar os conceitos”. (Marco Aurélio Werle)

A experiência do contato direto com o grande número de alunos que procuraram o stand da FFLCH mostrou a relevância da Feira e como, ao abrir as suas portas, a Universidade procura romper a barreira que existe entre a rede pública de ensino e o ensino superior de qualidade.

Com reportagem de Bruna Escalreira

## FFLCH RECEBE OS ALUNOS ESTRANGEIROS DE 2011

POR BRUNA ESCALEIRA

No dia 1º de agosto, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas recebeu 59 dos 104 estudantes esperados para este semestre. Os intercam-

bistas vêm do mundo todo. Há representantes da Argentina, Colômbia, Estados Unidos, França, Alemanha, China, Coreia do Sul, Japão, Reino Unido,

Dinamarca, entre outros.

Promovida pela Comissão de Cooperação Internacional da unidade (CCInt – FFLCH), a recepção teve como objetivo principal incentivar a integração entre os alunos estrangeiros, além de passar informações importantes para o maior número possível de intercambistas.

O Professor Doutor Márcio Ferreira da Silva, Presidente da CCInt - FFLCH, deu as boas vindas aos alunos e coordenou a reunião, pedindo que cada aluno se apresentasse e falasse sobre suas expectativas para este semestre na USP.

Depois de apresentar a FFLCH, foram tiradas dúvidas sobre matrícula, curso de Português para estrangeiros, onde encontrar as salas de aula, onde estão os departamentos, como providenciar o Registro Nacional de Estrangeiros (RNE), como utilizar o Hospital e Restaurante Universitários, como entrar no Centro de Práticas Esportivas (CEPEUSP), etc.

Além disso, foram entregues materiais úteis,

como: declarações de matrícula, cartas à Polícia Federal solicitando o apressamento do número do RNE, mapas da USP, materiais disponibilizados pela Secretaria do Turismo contendo um mapa do metrô e brochuras em inglês sobre pontos turísticos, restaurantes, museus e teatros em São Paulo.

Também foi divulgada a disciplina “Aspectos da Cultura Brasileira”, oferecida somente a estudantes estrangeiros. Seu programa é formado por palestras de professores de nossa Faculdade e convidados, que abordam temas, como festas e cerimônias no Brasil colonial, cinema brasileiro, o tupi e as línguas gerais na formação da cultura brasileira, culturas indígenas, rumos do teatro moderno no Brasil, entre outros.

Após a reunião, a Ccint - FFLCH ofereceu um pequeno lanche a todos para que os alunos pudessem conversar e se conhecer melhor. Ao final, o monitor Raoni, fez um tour pela FFLCH, para mostrar onde ficam os departamentos, os murais, a biblioteca, a Casa de Cultura Japonesa e as salas de aula.

## ANO DA LITERATURA E DA CULTURA DE CABO VERDE EM SÃO PAULO

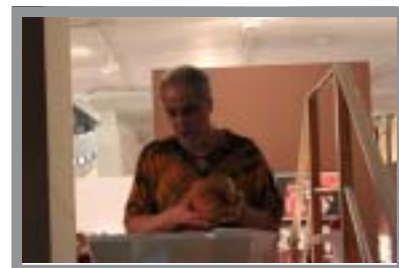
SIMONE CAPUTO GOMES

PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

A FFLCH recebeu, este ano, em encontros que se estenderam das turmas de Graduação aos alunos de Pós-Graduação e professores da área, grandes personalidades da literatura e da cultura de Cabo Verde.

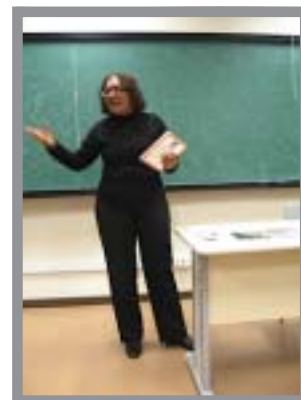
Já nos visitara no dia 11 de abril o artista plástico e escritor Mito (Hamilton Elias), apresentando

sua arte videofonêmica para um público interessado em literatura e artes visuais cabo-verdianas. Alunos e professores participaram também da inauguração de sua exposição “Tempo de Bichos: celebrando as 70 vidas do poeta Arménio Vieira, no Museu Afro-Brasil, no dia 15.



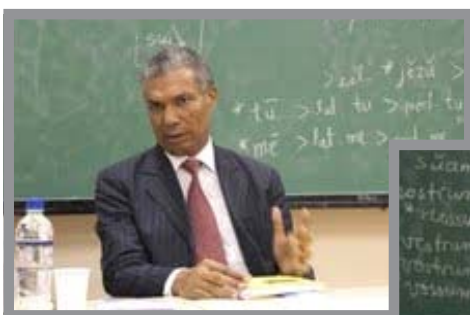
No dia 22 de agosto, a escritora Vera Duarte interagiu com cerca de 210 estudantes de Literatura Cabo-verdiana, em quatro turmas de Graduação, pela manhã e à noite, com a presença de vários profes-

res e de pesquisadores pós-graduandos. Temas variados foram desenvolvidos, discutindo-se a obra poética e ficcional, as áreas de atuação e a oficina de criação da escritora.



O sucesso dos encontros cabo-verdianos de literatura na FFLCH-USP continuou a anunciar a primavera em setembro, nos dias 19 e 20, com a presença dos escritores Corsino Fortes e Filinto Elísio. Os alunos de 4 turmas da Graduação em Le-

tras, investigadores da Pós-Graduação e professores, agora num total de 230, dialogaram com as personalidades, que foram discorrendo sobre os rumos culturais e políticos de Cabo Verde, sua literatura e as obras poéticas respectivas.





O Cônsul Geral da República de Cabo Verde em São Paulo, Doutor Aguiinaldo Rocha, como sempre,

prestigiou todas as atividades, interagiu com o público e com os escritores.



O encontro poético se estendeu à Casa das Rosas (Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura) no dia 20, presidido por Ilo Codognotto,

com apresentação dos escritores pela Profa. Simone Caputo Gomes, abrindo os trabalhos.



Neste ano de 2011, as rosas, enfim, desabrocharam, grandes e lindas, no terreno adubado pela seiva da literatura cabo-verdiana. E continuam florindo.

Foi uma honra para nós brasileiros poder receber a arte de Cabo Verde!



## ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

### OBRAS NOS PRÉDIOS DA FFLCH

#### **CASA DE CULTURA JAPONESA**

Reforma de sala para instalação do LERUS (Laboratório de Estudos Russos): concluída;  
Reforma da sala 11 para instalação de Projeto de Multimídia: concluída.

#### **PRÉDIO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA**

Reforma para construção de 2 anfiteatros: em andamento;  
Impermeabilização de laje na entrada lateral do prédio: em andamento;  
Reforma do CAPH para instalação de armários deslizantes e mezanino: em andamento;  
Reforma do estacionamento “ferradura”: em andamento.

#### **PRÉDIO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Substituição de piso no corredor, xerox e sala de estudo: prestes a iniciar,

Construção de espaço de vivência e vestiário para a Seção de Manutenção: iniciada.

#### **PRÉDIO DE LETRAS**

Instalação de elevador para acessibilidade aos portadores de necessidades especiais: em andamento;  
Substituição e pintura de corrimãos para acessibilidade: em andamento;  
Reforma da sala 168 para criação do Laboratório de Tradução: em andamento.

#### **ADMINISTRAÇÃO**

Reforma da escadaria e construção de rampa de acesso a portadores de necessidades especiais na entrada do prédio (Rua do Lago): em andamento;  
Reforma para construção de estúdio na sala do Serviço de Comunicação Social: a iniciar,  
Reforma para instalação de parede móvel nas salas 122 e 124: a iniciar.

## PESQUISADORA DO LEMADI É NOTÍCIA EM JORNAL CHILENO

POR BRUNA ESCALEIRA

Waldirene Ribeiro do Carmo, funcionária e pesquisadora do LEMADI - Laboratório de Ensino e Material Didático (Departamento de Geografia) participou, enquanto pesquisadora do Centro de Cartografía Táctil da Universidad Tecnológica Metropolitana de Santiago do Chile, da III Reunião Internacional do Projeto “Generación de Cartografía Táctil y Material Didáctico para la Comprensión del Calentamiento Global y su Relación con Eventos Naturales”, ocorrida no último mês de julho, em Santiago do Chile. O projeto, conjunto com instituições do Chile, Argentina e Peru, é desenvolvido no LEMADI.

A iniciativa foi noticiada pelo jornal chileno *La Nación*, de 22 de julho. A matéria “Expertos internacionales crean mapas para ciegos en Chile” pode ser consultada em <http://www.lanacion.cl/noticias/site/artic/20110722/pags/20110722133247.html>

Em entrevista ao INFORME, Waldirene explica o projeto e o trabalho do LEMADI na formação continuada de professores nas áreas de cartografia escolar e tátil, educação especial e inclusão.

**INFORME: Descreva brevemente a pesquisa sobre cartografia para pessoas com deficiência visual desenvolvida em parceria com os pesquisadores do Chile, Argentina e Peru.**

**Waldirene Ribeiro do Carmo:** Já participamos de diversas pesquisas desenvolvidas em parceria com pesquisadores latino-americanos. O atual projeto, que começou no ano de 2009 e vai terminar em 2012, intitula-se “Generación de Cartografía Táctil y Material Didáctico para la Comprensión del Calentamiento Global y su Relación con Eventos Naturales”. Desenvolvido por pesquisadores da Argentina, Brasil, Chile e Peru, com apoio financeiro do IPGH (Instituto Panamericano de Geografía e História), o projeto tem como objetivo principal elaborar recursos didáticos adaptados para pessoas com necessidades educativas especiais que contemplem as discussões sobre as causas e consequências das mudanças climáticas em escala local, regional e global. A ideia é estimular a observação e captação do

meio ambiente do ponto de vista sensorial, por meio de imagens, produtos cartográficos táteis e textos.

**INFORME: Fale um pouco sobre o trabalho e os objetivos do LEMADI.**

**WRC:** O Laboratório de Ensino e Material Didático (LEMADI) é um dos 11 laboratórios do Departamento de Geografia. No LEMADI são desenvolvidas atividades de pesquisa, ensino e extensão, visando ao desenvolvimento e à divulgação do conhecimento na área do ensino de Geografia. É um espaço aberto a professores e alunos do ensino fundamental e médio, alunos do Curso de Graduação em Geografia e pesquisadores que desenvolvem trabalhos relacionados às nossas linhas de pesquisa.

Nossos principais objetivos são: realizar pesquisas teóricas e aplicadas na área do ensino de Geografia; estimular o debate, o intercâmbio e a difusão de ideias sobre o ensino desta disciplina; pesquisar e desenvolver materiais didáticos de apoio ao ensino de Geografia e áreas afins; dar suporte ao Programa de Licenciatura em Geografia; coordenar grupos de estudo e pesquisas sobre temas da área voltados ao ensino; dar apoio a professores do ensino fundamental e médio, das redes pública e privada, e aos alunos de Graduação e Pós-graduação em Geografia, interessados na área do ensino, oferecendo-lhes apoio didático e abrindo-lhes espaço para o desenvolvimento de suas pesquisas e atividades. Além disso, o LEMADI promove cursos de extensão, com o objetivo de proporcionar aos educadores oportunidades para atualizar seus conhecimentos, buscar novas informações e compartilhar suas experiências.

**INFORME: Esta é a primeira vez que o laboratório trabalha com acessibilidade para pessoas com algum tipo de deficiência? Se não, cite os projetos já realizados e em andamento.**

**WRC:** Não, os trabalhos de pesquisa sobre Cartografia Tátil voltados à elaboração, aplicação e avaliação de representações gráficas táteis para alunos com necessidades educativas especiais são desenvolvidos

no LEMADI desde 1989, quando a Profa. Dra. Regina Araujo de Almeida iniciou, neste Laboratório, um trabalho acadêmico pioneiro no Brasil nesta área.

Com o apoio financeiro da Fundação VITAE e da Universidade de São Paulo, por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa, do Programa Bolsa-Trabalho da COSEAS e de instituições internacionais como o IPGH e a OEA (Organização dos Estados Americanos), vários projetos foram desenvolvidos no LEMADI. Diversos materiais didáticos táteis (mapas, gráficos, maquetes, esquemas, modelos, livros de histórias infantis e lendas, dicionário ilustrado, jogos, etc.) foram produzidos e testados com alunos de várias idades e níveis escolares.

**INFORME: Como foi estabelecida e como funciona a cooperação entre pesquisadores do Brasil, Argentina, Chile e Peru no projeto de cartografia para deficientes visuais apresentado no Chile?**

**WRC:** A parceria começou com uma pesquisadora chilena, a Profa. Alejandra Coll, da UTEM - Universidad Tecnológica Metropolitana de Santiago do Chile, que é cartógrafa. Ela soube que a Profa. Regina estava desenvolvendo este trabalho e se interessou pelo tema.

Em 1994, os pesquisadores do LEMADI-USP, da UTEM e da Universidade de Cuyo, com o apoio financeiro do IPGH, firmaram parceria para o desenvolvimento de um projeto para discutir a elaboração e o uso de representações gráficas táteis para pessoas com deficiência visual.

A partir daí foram vários os projetos desenvolvidos:

- Cartografía Tridimensional para el Uso y el Adiestramiento del Discapitado visual (1995 a 1998);
- Cartografía Táctil como Instrumento de Apoyo para la Movilidad Espacial del Ciego (1999 a 2001);
- Cartografía Táctil en Latinoamérica: capacitación, sociedad y tecnología multimedial para la persona ciega del siglo XXI (2002 a 2004);
- Diseño y Producción de Cartografía para las Personas Ciegas de América Latina (2002 a 2006),

- Integrando los Sentidos en el Manejo de la Información Geoespacial, Mediante la Cartografía Táctil, con Especial Énfasis en las Personas Ciegas y Sordas de América Latina (2007 a 2009).

As pesquisadoras da Universidade de Cuyo participaram das atividades até o ano de 2001. A partir daí, a Universidad del Litoral de Santa Fé passou a representar a Argentina no projeto, que conta ainda com a participação de professoras do Colégio Nuestra Señora del Carmen de Cusco (Peru) e do Colégio São Francisco de Assis para Crianças Surdas (Chile).

Uma das principais premissas dos projetos, apresentados e coordenados pela Professora Alejandra Coll, da UTEM, é que todos os pesquisadores estejam envolvidos na elaboração de material didático tátil e na organização de cursos para professores, de forma que todos coloquem em prática a experiência acumulada em função de pesquisas desenvolvidas anteriormente. A equipe, multidisciplinar, conta com designer, cartógrafos, geógrafos e professoras especializadas em deficiência visual e auditiva.

**INFORME: Por que é importante que a Universidade apoie e incentive a criação de projetos como este?**

**WRC:** O apoio a projetos desta natureza é fundamental. Hoje a inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais já é uma realidade nas escolas. É direito garantido por lei. Estes alunos precisam de materiais didáticos adaptados às suas necessidades para que a presença deles em sala de aula não seja uma mera formalidade da lei.

O ensino de Geografia e de outras disciplinas que trabalham com representações gráficas (mapas, imagens, esquemas, etc.) fica muito prejudicado, principalmente para os alunos com deficiência visual, se eles não têm acesso a materiais adaptados. Além disso, estes materiais didáticos são atraentes e estimulantes para todos os alunos, favorecendo o processo de inclusão e a aprendizagem multissensorial.

**INFORME: Fale um pouco mais sobre o projeto de cartografia para portadores de deficiência visual, sua origem e desdobramentos.**

**WRC:** As pesquisas da Profa. Dra. Regina Araujo

jo de Almeida (Vasconcellos)<sup>1</sup>, iniciadas em 1989, foram o princípio desta linha de investigação no Laboratório. Sua tese, intitulada “A Cartografia Tátil e o Deficiente Visual: uma avaliação das etapas de produção e uso do mapa”, defendida em 1993, propõe uma forma inovadora de ensino de Geografia para pessoas com deficiência visual, destacando o papel das representações gráficas, especialmente dos mapas, no processo de percepção do espaço e na aquisição de noções geográficas.

Nos anos de pesquisa para a tese da Profa. Regina, muitos projetos foram desenvolvidos no Laboratório, utilizando diversas temáticas para introduzir conceitos geográficos no universo do aluno com deficiência visual.

O primeiro projeto tomou a Amazônia como área teste da metodologia; o segundo, o Estado de São Paulo. E o terceiro resultou na elaboração de um atlas dos continentes. Depois vieram as parcerias com as universidades e instituições da América Latina.

Paralelamente aos projetos, foram desenvolvidas várias pesquisas de pós-graduação sobre o tema, orientadas pela Profa. Regina. Dentre os pesquisadores envolvidos estão Carla Cristina R. Gimenes de Sena, que hoje é professora da UNESP de Ourinhos; Aline Alves Bittencourt, mestre em Geografia, que em seu trabalho de conclusão de curso elaborou um globo terrestre tátil; e eu, funcionária do LEMADI desde o ano de 1995 e atualmente aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da FFLCH.

As pesquisas abordaram desde discussões sobre a simbologia adequada até a aplicação didática dos materiais elaborados. Todos os trabalhos renderam resultados positivos, não apenas aqueles aplicados a alunos com deficiência visual, mas também os trabalhados com outros alunos. Além da elaboração de material didático, sempre temos uma preocupação com o preparo do professor, no sentido de realizar cursos e oficinas para apresentar técnicas de produção de materiais e metodologias de uso em sala de aula.

O projeto atual visa desenvolver materiais educativos para o ensino de questões relacionadas às mudanças climáticas, com o objetivo de possibilitar a compreensão dos estudantes sobre a importância dos cuidados com o meio ambiente.

Diversos materiais didáticos já foram produzidos, como, por exemplo, mapas que indicam o avanço da dengue na América Latina; representação gráfica tátil sobre o *Aedes Aegypti* (mosquito da dengue); esquemas conceituais sobre o efeito estufa e o ciclo do carbono; gráfico de mortes causadas por eventos naturais, além de mapas mostrando o processo de retrocesso em geleiras e o avanço da desertificação em algumas áreas. Até o final de outubro, os materiais serão testados em escolas do Brasil, Argentina, Chile e Peru, a fim de verificar sua eficácia e corrigir possíveis incorreções e problemas.

Está previsto para o próximo ano a realização de um curso para professores em Cusco (Peru). Estes cursos objetivam difundir as técnicas de produção e utilização das representações gráficas táteis em sala de aula, para que os professores possam ter autonomia na produção de seus próprios materiais didáticos.

O LEMADI é hoje uma referência no campo da Cartografia Tátil, pelo acervo de materiais didáticos táteis de que dispõe e pela metodologia ali desenvolvida. Os materiais deste acervo são consultados por estudantes do ensino fundamental, médio e superior, por professores das redes pública e privada de ensino, por pais, professores especializados e pessoas com deficiência visual.

No entanto, ainda há muito por fazer: pesquisas teóricas ligadas à aprendizagem de Geografia e Cartografia Tátil; desenvolvimento de novos materiais didáticos incorporando novas tecnologias, e mais cursos de extensão para professores. Em um país com as dimensões continentais do Brasil, faz falta ainda um *website* que socialize estas experiências, tornando o acesso a essas pesquisas possível para professores do Amazonas, do Acre, de Rondônia, enfim, de todo o país. Mas tudo isso demanda mais recursos financeiros e humanos.

<sup>1</sup> Até 1996 a Profa. Regina Araujo de Almeida utilizava em suas publicações o sobrenome VASCONCELLOS

## SEÇÃO DE INFORMÁTICA INCENTIVA A CULTURA DO SOFTWARE LIVRE

POR LUIS RICARDO BÉRGAMO

A Seção Técnica de Informática da FFLCH (STI) vem aumentando as atividades de difusão desde o ano passado. A ideia é oferecer ações de capacitação em softwares livres, tornando o usuário apto e autônomo para usar ferramentas de uso cotidiano.

Desde maio de 2010 a STI promoveu, entre palestras e cursos, 21 atividades na FFLCH. A maioria dos cursos tem duração média de uma semana, com carga horária média de 20 horas. Das 356 vagas oferecidas, 80,8% foram preenchidas, porém, destes matriculados, somente 73,7% compareceram ao curso. Já as palestras, que tem duração de 3 horas e são realizadas em um único dia, têm procura menor que a dos cursos: das 372 vagas abertas neste período, houve 44% de inscritos, dentre os quais 67% compareceram.

A STI incentiva os servidores da Faculdade a utilizarem o software livre não apenas na Faculdade, em seus locais de trabalho, mas também fora dela, no uso cotidiano da ferramenta.

É importante ressaltar que não existe o melhor ou pior software, a questão é conhecer e saber usar as opções de ferramentas disponíveis. É essencial que funcionários de uma universidade pública saibam se posicionar nesta chamada “Era da Informação”, na qual a disputa tecnológica oferece uma multiplicidade de opções para atividades corriqueiras com o computador.

A FFLCH e outras tantas unidades da USP trabalham com essa variedade de ferramentas computacionais e vêm dando acentuada prioridade ao uso do software livre, não excluindo totalmente as outras ferramentas, mas somente as usando quando não há alternativas livres.

Dentre as vantagens dessa escolha destacam-se a impressionante qualidade técnica que o software livre carrega consigo e o preço, pois 99,9% desse tipo de software é gratuito.

Cada instituição tem a sua justificativa para a adoção de softwares livres. A FFLCH leva em consideração todas elas, seguindo a tendência de universidades públicas do mundo inteiro.

Softwares livres são produzidos e mantidos por comunidades formadas por vários setores da sociedade, como empresas e universidades. Pode-se dizer que as universidades públicas tem um grande peso nesse elenco, pois um software nada mais é que um produto de pesquisa. Portanto, é natural que enquanto instituições de ensino e pesquisa as universidades usufruam do que produzem.

Na FFLCH, seguindo uma tendência geral das STI's da USP, quase toda a estrutura de informática foi migrada para software livre no últimos 4 anos, ou seja, servidores de rede, sistemas, servidores de site, firewall (segurança), banco de dados, dentre outros.

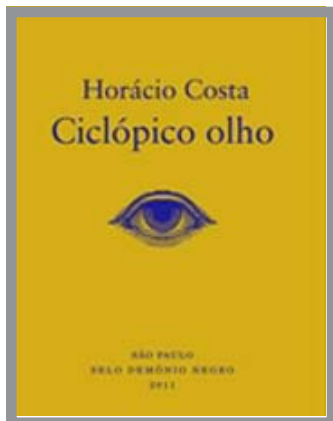
Dadas as vantagens das mudanças, a STI da FFLCH procura agora levar esta experiência a seus funcionários, com o intuito de melhorar a qualidade do serviço desenvolvido na Unidade. Para tanto, oferece e pretende continuar oferecendo cursos e palestras sobre o uso de ferramentas livres em diversas áreas, como construções de páginas web, editores de texto, planilhas eletrônicas, edição multimídia e outros.

Contamos com a participação e apoio dos funcionários. Entendemos que é muito difícil se ausentar do trabalho, dado o volume de serviço que todos os setores tem que administrar. Isso ficou explícito neste I Encontro de Funcionários da FFLCH, mas acreditamos que esse esforço, tanto por parte do funcionário quanto por parte de seu superior, é revertido em melhora na qualidade do serviço e capacitação do funcionário, ressalta o analista de sistemas da STI, Thiago Gomes Veríssimo.

A STI espera que professores e funcionários continuem contribuindo com essa iniciativa e lembra que umas das vantagens dos treinamentos, dado que só trabalham com softwares gratuitos, é que os funcionários podem levar o que aprenderam para casa, evitando gastos com softwares e a pirataria, prática que compromete dados e o hardware do computador.

Novos cursos serão ministrados, conforme programação disponível no calendário do site da Comissão de Treinamento da Faculdade [www.treinamento.fflch.usp.br](http://www.treinamento.fflch.usp.br).

# PRODUÇÃO DA FACULDADE



## Ciclópico Olho

HORÁCIO COSTA

Veloz na apreensão do poético nas sucessivas vicissitudes do real, assim caracterizei eu, espontaneamente, a atitude de Horácio Costa perante a própria vida e a dos outros. Mas também veloz no processo de transformação dessa apreensão em poesia escrita. Assim transparece perante o leitor uma visão simultaneamente caleidoscópica e rigorosa, feita de surpreendentes intuições e imagens.

Ler a poesia de HC é por isso, sempre uma aventura positiva, feita de surpresas e voos de Ícaro, arriscados e belos.

É que o referido processo de transformação do volátil poético em texto poema, profundamente enraizado no conhecimento de suas próprias leis, vai-nos oferecendo uma estrutura caudalosa de variações estéticas, muitas vezes inusitadas, muitas vezes aproximando-se de uma proto oralidade erudita, outras de uma metaconstrução crítica. E na oscilação entre estes dois polos, reside talvez a sutileza e o segredo desta poesia. Poesia vigorosamente contemporânea, no que o contemporâneo tem de instável e absurdo, mas também de inevitável e abismal.

Neste *Ciclópico olho* de 2004 (que ficou até agora inédito, entre o anterior *Quadragésimo* (1999), e os posteriores *Paulistanas & Homoeróticas* (2007), e *Ravenas* (2004 a 2008) é o pendor estilístico da referida proto oralidade que predomina através do verso curto e rápido, como que para fixar o efêmero das mencionadas vicissitudes do real e suas transformações. Situação narrativa que é sistematicamente reforçada pelo registro do local e da data da escrita de cada poema.

Esta preocupação espacial / temporal leva o leitor a tentar reconstruir ou reconhecer emocionalmente o substrato existencial de toda esta poesia, de que no caso do presente livro, no último poema, nos é dada, entre possíveis outras, uma chave que para mim elejo preferencialmente: “O olhar cria o que vê. / A alma olha para dentro / e distingue o incriado. / Com ciclópico olho / só a alma vê / o que não está para ver-se / e sempre é gigantesco / e talvez seja cego o olhar.”

E. M. de Melo e Castro

Editora: Annablume – Selo Demônio Negro

## Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777 - 1808)

FERNANDO NOVAIS

Nona edição do clássico da historiografia, esse trabalho, cuja primeira edição data de 1978, trata da construção das novas instituições do Estado da época contemporânea.

Editora: Hucitec





### **A Ásia no Século XXI: olhares brasileiros**

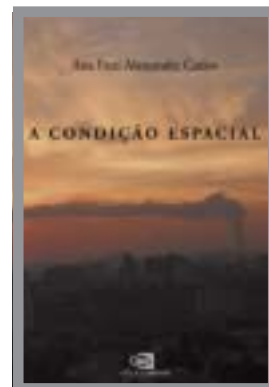
ÂNGELO SEGRILLO E CHARLES PENNAFORTE (orgs.)

O livro reúne artigos escritos a partir das pesquisas realizadas no LEA - Laboratório de Estudos da Ásia. Neste volume são abordados países da Ásia central, China e Índia, além de uma introdução sobre a situação atual da Ásia em geral. Os autores são Vicente Ferraro, Mirian Oliveira, Aniel Lima e Ângelo Segrillo, todos pesquisadores do LEA.

Editora: CENEGRI

### **A Condição Espacial**

ANA FANI ALESSANDRI CARLOS



A velocidade dos acontecimentos e a intensidade dos processos no mundo contemporâneo têm marcado as relações dos homens entre si e as relações destes com o espaço. Nesse processo, é inevitável que a sociedade seja alvo de mudanças que alterem a rede de relações que a sustenta. Atenta a esse fenômeno, Ana Fani Alessandri Carlos, uma das maiores especialistas em Geografia urbana do país, escreveu este *A condição espacial*, que acaba de ser lançado pela Editora Contexto.

O livro aborda de que forma as relações sociais – que constroem o mundo concretamente – se realizam como modos de apropriação do espaço para a reprodução da vida em todas as suas dimensões. A questão espacial envolve a sociedade em seu conjunto, considerando-a como um universo imbricado de situações, aspirações e desejos. “É através da e na prática sócio espacial que o indivíduo se realiza enquanto tal ao longo da história, numa prática que revela a construção da humanidade do homem”, explica a autora.

Partindo da ideia de que nenhuma relação social acontece fora do espaço, Ana Fani inicia sua obra discutindo as relações entre Geografia e espaço. Depois, amplia o enfoque, abordando, em capítulos como “Da organização à produção do espaço” e “A representação arcaica do espaço e do espaço público”, a forma como o ser humano se depara com o espaço, que é um produto da sociedade intrinsecamente relacionado com a vida no mundo. “Isso equivale a dizer que as relações sociais ocorrem num lugar determinado sem o qual não se concretizariam, num tempo fixado ou determinado que marcaria a duração da ação – uma ação que se realiza como modo de apropriação na escala da reprodução da vida.” *A Condição Espacial* é um livro de interesse para geógrafos, urbanistas, sociólogos e todos interessados na relação espaço/sociedade.

Editora: Contexto

### **As cores da desigualdade**

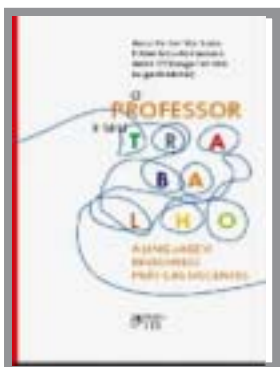
DANIELLE FERNANDES E DIOGO HENRIQUE HELAL (orgs.)



Esta coletânea reúne estudos de diferentes especialistas, entre os quais o Prof. Dr. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, do Departamento de Sociologia da Faculdade. Em particular, a obra busca debater o tema da desigualdade racial, a partir de evidências empíricas disponíveis. Os resultados apresentados indicam que há um claro processo de reprodução das desigualdades sociais que precisa ser enfrentado. Os negros continuam a ter dificuldades de inserção no mercado de trabalho, nomeadamente quando se trata de posições de maior prestígio e retorno econômico e social.

Editora: Fino Traço





### **O Professor e Seu Trabalho: A Linguagem Revelando Práticas Docentes**

*ANISE FERREIRA, ANNA RACHEL MACHADO E ELIANE GOUVÊA LOUSADA (orgs.)*

“Neste livro, encontrei uma consistente base de análise linguístico-discursiva que permite sustentar os questionamentos e apontamentos sobre o fazer, o pensar, e o agir escolar. A qualidade das propostas analíticas e interpretativas apresentadas e descritas de forma cuidadosa permitem ao leitor, tanto experiente quanto iniciante, compreensão, análise e possível recriação em contextos semelhantes aos expostos. Além disso, a interpretação aponta importantes considerações e revela situações já conhecidas, porém nunca sistematicamente estudadas.

Na leitura deste livro, os leitores poderão descobrir-se e entender práticas escolares naturalizadas que são linguístico-discursivamente reveladas e reavaliadas de forma cuidadosa e respeitosa. As interpretações oferecidas, longe de fazerem críticas sem fundamento ou preocupação pelos participantes do quadro escolar, demonstram um profundo cuidado com os sujeitos da esfera acadêmica. Apresentam um compromisso com o resgate do trabalho do professor, como um valor significativo para o contexto da vida em nossa sociedade atual. Desejo a todos uma excelente e proveitosa leitura!” (da apresentação de Fernanda Coelho Liberali).

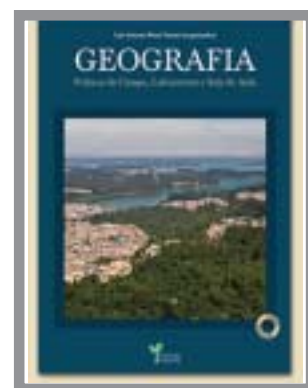
Editora: Mercado de Letras

### **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**

*LUIS ANTONIO BITTAR VENTURI (org.)*

A Geografia entra em um estágio propositivo. Hoje, os geógrafos já atuam nos mais diversos setores da sociedade, evidenciando a contribuição que esta ciência pode oferecer para a construção de um mundo melhor, ambientalmente mais correto, socialmente mais justo, enfim, um mundo mais equilibrado. Isto porque a Geografia, ela própria, encontra-se numa fase cientificamente mais madura, em que diferentes posicionamentos que outrora alimentavam disputas epistemológicas (que pouco interessavam à sociedade), hoje coexistem no debate acadêmico, complementando-se. Como resultado, o geógrafo atual tende a apresentar um perfil profissional que alia conhecimentos específicos das diferentes áreas e amplo embasamento teórico-conceitual, com competências técnicas cada vez mais expressivas. Estas três dimensões traduzem-se em um fazer ao mesmo tempo propositivo e crítico, no qual o alerta para os descaminhos da sociedade é acompanhado de ações, legitimadas pela reflexão e viabilizadas pela apropriação das técnicas. O geógrafo conscientizou-se de que não se transforma o mundo apenas pensando sobre ele ou assumindo uma postura meramente denunciativa. E para ajudar na consolidação deste novo perfil, este livro oferece a ele e às centenas de cursos de Geografia do Brasil, parâmetros de seus saberes profissionais. Melhores tornam-se os órgãos públicos, privados, escolas, institutos e universidades que têm em seus quadros geógrafos desta nova geração.

Editora: Sarandí





### **O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista**

*MARISA MIDORI DEAECTO*

*O Império dos Livros*, de Marisa Midori Deaecto, historiadora, professora da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, constitui obra rara, sobre temática das mais relevantes para o conhecimento da cultura nacional. Com este livro a autora mergulha nas formas múltiplas do processo de formação dos leitores e das práticas de leitura vivenciadas na cidade de São Paulo, durante o século XIX. Quem lia? O que era lido? Onde se lia? A leitura era uma atividade compartilhada ou solitária? Riquezas e livros caminhavam juntos? Quem foram os amantes declarados dos livros na São Paulo d’antanho? E quais os seus principais inimigos? Um mergulho no mar de letras que vão conduzindo o leitor ao Brasil Império, onde os livros reinavam soberanos nas repúblicas de letrados. E nos gabinetes, nos cafés, nas ruas... “Debruçando-se sobre miudezas do sistema literário como preço de livros e simultaneamente sobre as grandes linhas de sua cartografia, este *O Império dos Livros* ao particularizar a situação paulistana inaugura novos caminhos e uma notável contribuição à história do livro e da leitura no Brasil” (Marisa Lajolo).

Editora: Edusp

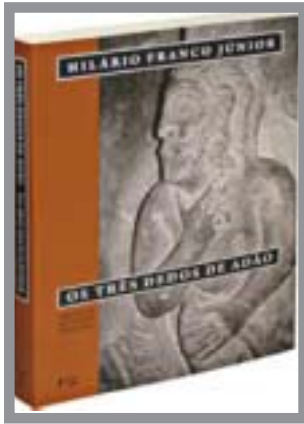
### **Ciências da linguagem e didática das línguas**

*VÉRONIQUE BRAUN DAHLET (Coord.)*

O livro reúne artigos de pesquisadores franceses e brasileiros, que mostram a evolução que marcou, dos dois lados do Oceano, as ciências da linguagem nos últimos 30 anos. Na primeira parte, os autores abordam o domínio do discurso: suas representações e práticas, assim como as suas repercussões na socialização dos sujeitos. A segunda parte do livro se dedica à didática das línguas. Ao mesmo tempo que se defende a independência da disciplina, em particular em relação à linguística, as contribuições mostram a interligação com outros domínios. Dois outros temas bastante debatidos são presentes no livro: trata-se do papel da gramática do ensino-aprendizagem das línguas, e das línguas de especialidade que se tornaram cruciais no mundo de hoje.

Editora: Humanitas





### Os Três Dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval

HILÁRIO FRANCO JÚNIOR

Dentre os estudos medievalísticos desenvolvidos no fim do século XX, a mitologia medieval é um dos temas menos explorados dentro do campo que ficou conhecido como Antropologia histórica do Ocidente Medieval. Dando continuidade ao trabalho iniciado com o livro *A Eva Barbada*, também publicado pela Edusp, *Os Três Dedos de Adão* reúne doze ensaios sobre esse campo da história, escritos ao longo de dez anos de trabalho acadêmico. Entretanto, a singularidade do tema é apenas um dos fatores que comprovam a importância histórica e cultural desta obra que retrata e permite conhecer uma sociedade que negava sua face mítica, embora “todas as pessoas vivessem de mitos e pelos mitos”. Os ensaios valorizam o diálogo travado entre o cristianismo medieval e as mitologias judaica, greco-romana e céltica, bem como seu enquadramento nas práticas políticas, sociais e culturais da época.

Editora: Edusp

### Revista Ponto Urbe nº 8

Ponto Urbe, publicação online do NAU - Núcleo de Antropologia Urbana, já está em sua oitava edição, com “Artigos” sobre o trabalho de Nina Rodrigues, os índios Terena no contexto urbano, uma torcida organizada de futebol na Paraíba, a relação de jovens com o prazer, narrativas de um drama social e consumo de alimentos e a formação de mercados brasileiros em Boston.

A revista traz ainda as seções: “CirKula”, com artigos de outras áreas, mas que estabelecem diálogo com a antropologia; “Etnográficas”, com breves relatos de campo de diferentes contextos de pesquisa; “Entrevista”, com depoimento da pesquisadora e professora da UNICAMP, Guita Grin Debert; e “Resenhas”, com importantes lançamentos da produção antropológica no Brasil. Destaque, nessa edição, para a seção “Tradução” que oferece, dessa vez, dois textos relevantes para a discussão antropológica contemporânea, um de Marilyn Strathern e outro de Roy Wagner.

A publicação pode ser acessada em [www.pontourbe.net](http://www.pontourbe.net)





### A Frase na Boca do Povo

HUDINILSON URBANO

As pesquisas de língua falada têm atraído, nas últimas décadas, a atenção dos linguistas de modo geral e dos linguistas brasileiros de modo particular, como é o caso do conhecido “Projeto de estudo da norma linguística urbana culta” (Projeto NURC).

O autor de *A Frase na Boca do Povo* é um dos mais comprometidos com essas pesquisas, tendo publicado uma série de artigos sobre diferentes enfoques da língua oral e sua relação com a escrita, como o estudo dos marcadores conversacionais, da fraseologia popular, dos provérbios, dos recursos de expressividade da língua, do planejamento do texto falado e escrito, dos diálogos teatrais, da língua falada e sua

presença na literatura etc.

Nessa obra o autor arrola, descreve e classifica usos linguísticos, representados por frases orais, espontâneas, e fenômenos implicados na sua formulação. A frase oral é uma unidade básica da comunicação, sobretudo da conversação presente nas mais diversas atividades diárias da vida em sociedade. Trata-se, portanto, de uma abordagem da linguagem natural, em que a inteligência não desempenha mais que um papel de meio, ainda que importante.

Nele são analisadas as frases orais produzidas com as mais diversas intenções comunicativas do dia a dia. Nesse sentido, contém vasta exemplificação e mostra como elas atendem, sobretudo, ao caráter afetivo e prático da linguagem. Em sintonia com seus trabalhos anteriores, Urbano oferece uma visão geral sobre os problemas da linguagem, passando por alguns temas, como a teoria da enunciação, a conhecida divisão saussuriana de *langue* e *parole*, as funções da linguagem, o contexto e a situação, a teoria da comunicação e, por fim, o que denomina “*língua falada*” e “*língua falada conversacional*”. Detém-se, por outro lado, nas características gerais e específicas da linguagem falada, chegando, inclusive, ao problema da metodologia da pesquisa dessa modalidade de língua.

O livro pretende servir a um leque de leitores em geral e, especificamente, a alunos de graduação e pós-graduação, professores e pesquisadores de Linguística e Letras, caracterizando-se, ademais, pelo objetivo didático, que enriquece a descrição dos múltiplos(e, às vezes, tortuosos) caminhos da teoria linguística.

Editora: Contexto

---

## INFORME

---

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 64 - setembro/outubro de 2011

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717  
Cidade Universitária – CEP 05508-900  
São Paulo / SP  
Telefones: 3091-4612 / 4938 / 1513

